

ORDEM DA LIBERDADE
MEMBRO HONORÁRIO

AUTORES

S.P.A. MAIO 2023
REVISTA DIGITAL N. 09

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA



JOSÉ
PACHECO
PEREIRA

PRÉMIO VIDA E OBRA 2023

**PRÉMIO
AUTORES**

Entregues os galardões
aos vencedores de **2022**

**MIGUEL
ARAÚJO**

Recebeu da SPA
Prémio José da Ponte 2023

**CARLOS
ALBERTO
MONIZ**

Prémio Pedro Osório **2023**

REVISTA AUTORES

Director José Jorge Letria

Coordenação Editorial Paulo Sérgio dos Santos

Coordenação de Imagem Jaime Serôdio



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

+351 213 594 400
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31
1069-153 Lisboa

www.spautores.pt



CONTEÚDOS



22

JOSÉ NUNO MARTINS

"SEMPRE PROCUREI CONTAR HISTÓRIAS, PORQUE QUANDO CONTAMOS UMA HISTÓRIA ESTAMOS A AGARRAR A AUDIÊNCIA"

04 EDITORIAL

A SPA PREPARA-SE PARA FAZER DO SEU CENTENÁRIO E DOS 50 ANOS DE ABRIL, MOMENTOS DE ENCONTRO, DE PARTILHA E DE MOBILIZAÇÃO

06 NATÁLIA CORREIA

100 ANOS DA AUTORA CELEBRADOS PELA SPA NA AULA MAGNA

10 PRÉMIO AUTORES 2022

REALIZOU-SE NO DIA 12 DE ABRIL DE 2023, A ENTREGA DOS PRÉMIOS

28 JOSÉ PACHECO PEREIRA

"NÃO TENHO UM MINUTO ABORRECIDO, HÁ SEMPRE TANTA COISA INTERESSANTE E TANTA COISA NOVA ..."

JOSÉ JORGE LETRIA

UM FUTURO QUE NOS ENVOLVE E MOBILIZA

A SPA comemora este ano o seu 98º aniversário, preparando-se para celebrar o seu centenário daqui a dois anos, festejando entretanto o

meio século do 25 de Abril, que será marcado por várias iniciativas mobilizadoras da vontade e da criatividade dos autores.

Recuperando e ultrapassando o melhor nível das cobranças e da gestão que caracterizou o ano de 2019, a SPA voltou agora a atribuir o Fundo Cultural, que viabiliza a concretização de dezenas de projectos de diversas disciplinas e viu avançar, em colaboração com a Câmara do Porto, a transformação da Casa de António Rebordão Navarro em residência artística da cidade, que acolherá também a estrutura da delegação local da cooperativa.

Por outro lado, A SPA continua a assumir as suas responsabilidades internacionais, tendo promovido, com a presença de Daniel Inenarity, um encontro internacional sobre Inteligência Artificial.

No dia do Autor, a 22 de Maio, a SPA atribuiu várias medalhas de honra, uma delas destinada ao Dr. Francisco Pinto Balsemão pelos 50 anos da criação do Expresso. O prémio Vida e Obra foi atribuído ao historiador e ensaísta José Pacheco Pereira e o Prémio consagração de Carreira a Vitorino Salomé e ao Hot Clube de Portugal pelos seus 75 anos de vida. Defendendo a presença significativa da música portuguesa na rádio, a SPA continua, em todas as disciplinas, a defender os autores e os seus direitos. A publicação de um livro sobre a censura antes do 25 de Abril e de uma antologia com letras de canções de dezenas de autores portugueses são duas apostas marcantes da nossa programação cultural. A SPA prepara-se para fazer do seu centenário e dos 50 anos de Abril, momentos de encontro, de partilha e de mobilização com desafios partilhados que marcarão o nosso futuro.

A Direcção e o Conselho de Administração,
Maio de 2023

SPA

ESCLARECE RAZÕES PARA NÃO APLICAR

DECRETO-LEI 105/2021 E A PORTARIA 243/2022

Foi publicada, dia 23 de Setembro, a Portaria 243/2022 que aprovou os modelos de factura, de recibo e de factura-recibo, bem como as respectivas instruções de preenchimento, de acordo com as redacções do artigo 115.º do Código do IRS e do artigo 29.º do Código do IVA, adaptando-a ao Estatuto dos Profissionais da Área da Cultura (REPAC).

A Sociedade Portuguesa de Autores considera que o Decreto-Lei 105/2021 (REPAC) não lhe é aplicável e, por conseguinte, a Portaria acima referida – designadamente no que diz respeito à taxa contributiva – também o não é.

A SPA não irá, por razões que, detalhadamente, expôs ao governo no dia 18 de Setembro, aplicar os diplomas e, por conseguinte, não procederá, designadamente, à retenção de 25% sobre 70% dos direitos de autor cobrados, nem à contribuição de 5,1% a título de “entidade beneficiária” (que não é).

O Artigo 4º n.º 2 do REPAC dispõe que: “O presente Estatuto não se aplica a contratos de edição, fixação, autorização, licenciamento, transmissão ou qualquer outra forma de disposição de direitos de autor e direitos conexos”.

Ora, os valores cobrados pela Sociedade Portuguesa de Autores têm sempre na base contratos de autorização, transmissão ou outra forma de disposição de direitos de autor, contractos esses que estão expressamente excluídos da aplicação do Estatuto, o que significa que as obrigações que resultam da sua aplicação também não podem vincular entidades (como o caso da SPA), intervenientes nas relações jurídicas expressamente excluídas.

O Artigo 48º refere que: “São entidades beneficiárias da prestação abrangidas pelo regime constante da presente secção as pessoas colectivas e as pessoas singulares

com ou sem actividade empresarial que beneficiam da prestação de serviço por profissionais da área da cultura, independentemente da sua actividade”.

De acordo com o Artigo 49º n.º 2: “A taxa contributiva da responsabilidade da entidade beneficiária da prestação é de 5,1 %, não sendo aplicável o disposto no n.º 7 do artigo 168.º do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social”.

O conceito de entidade beneficiária refere claramente que são entidades beneficiárias da prestação aquelas que beneficiam da prestação de serviço por profissionais da área da cultura, independentemente da sua actividade. Naturalmente que a Sociedade Portuguesa de Autores não beneficia dos serviços de um profissional da cultura.

O autor, enquanto profissional na área da cultura não trabalha para a SPA, mas sim para entidades com que a cooperativa contrata em representação dos autores. Assim, a Sociedade Portuguesa de Autores celebra, em representação dos autores seus membros, contratos com entidades terceiras para que estas possam utilizar (nos termos, condições e limites contratualmente estabelecidos) as obras dos autores.

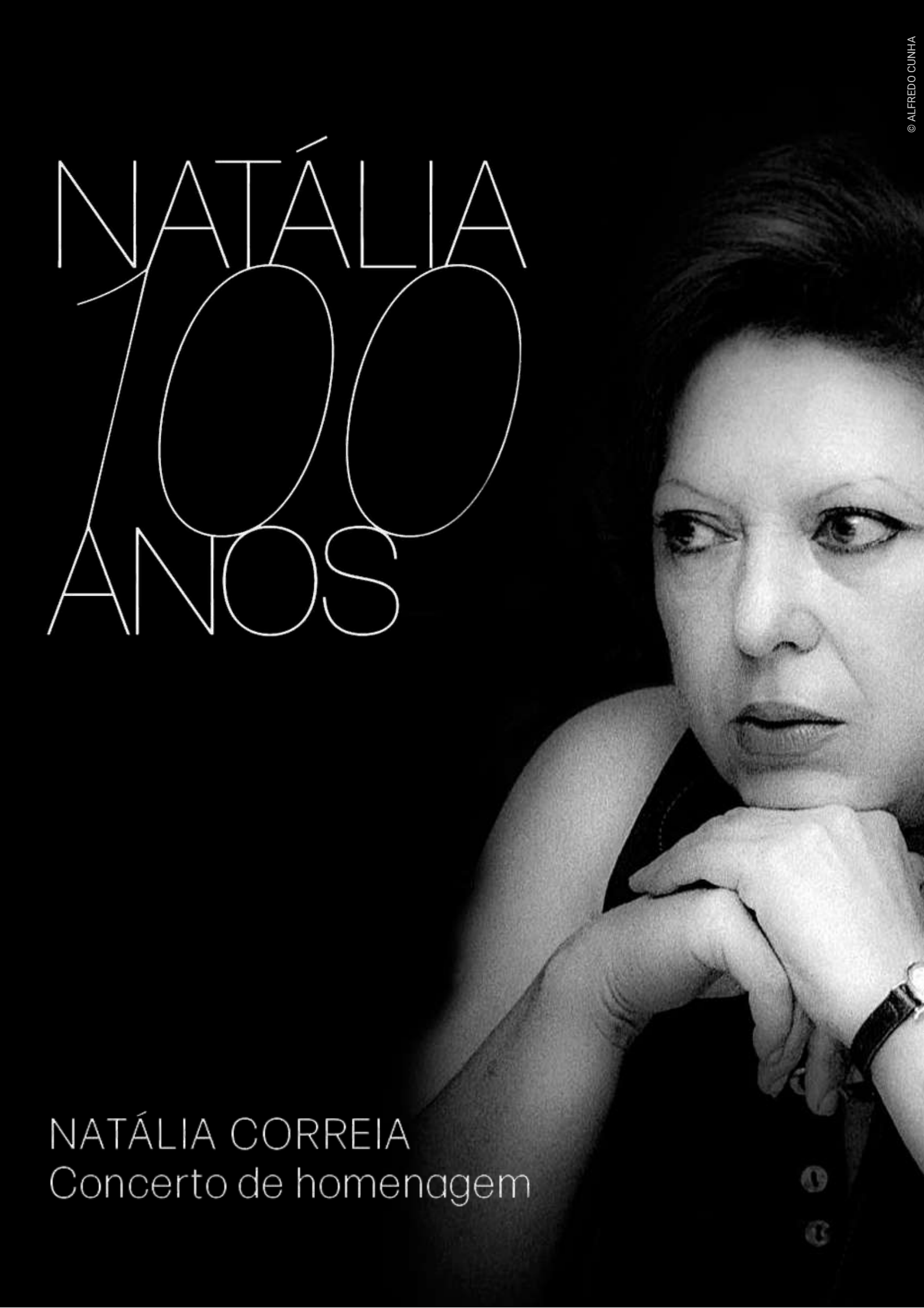
Fácil é de perceber que as entidades que beneficiam da prestação do serviço dos autores, enquanto profissionais da área da cultura, são as entidades com as quais a Sociedade Portuguesa de Autores celebra contratos.

Assim, e em face do exposto, a SPA não está vinculada ao Decreto-Lei 105/2021 de 29 de Novembro e, por consequência, também não está sujeita à Portaria 243/2022.

Por último, a Sociedade Portuguesa de Autores não pode deixar de referir que o acima exposto já foi objecto de análise, por diversas vezes, por diferentes formas e a diversos interlocutores de modo a ser chamada a atenção para a especificidade da sua actividade.

NATÁLIA 100 ANOS

NATÁLIA CORREIA
Concerto de homenagem





SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

RENATO JÚNIOR

ESPECTÁCULO DE HOMENAGEM

100 ANOS NATÁLIA CORREIA

Responsável pela homenagem da Sociedade Portuguesa de Autores que assinalou os 100 anos de Natália Correia – que teve lugar na Aula Magna, em 22 de Novembro de 2022 e já teve transmissão na RTP –, revela os momentos de preparação do espectáculo, bem como toda a experiência vivida nos bastidores.

Como foi a preparação deste espectáculo?
Foi de loucos porque eu estava, por um lado, a construir um disco com os temas que aca-

baram por fazer parte deste espectáculo, para sair apenas no início do ano de 2023, quando o Presidente [da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)], José Jorge Letria mostrou vontade de fazer, através da SPA, a homenagem. Daí ter sido um bocadinho uma corrida contra o tempo. Estava a terminar a composição dos temas, estava em estúdio a gravá-los e ao mesmo tempo a pensar no espectáculo de homenagem. Foi puxado, pois teve de se estar em duas frentes ao mesmo tempo. Mas foi muito prazeroso.

A forma como o espectáculo foi construído foi, por assim dizer, em cima das palavras de Natália Correia?

Sim, fiz uma triagem de alguns poemas e palavras da Natália, que, para mim, faziam sentido e que achei que conseguia musicar. A primeira fase passou por fazer essa composição e, de seguida, preparar um espectáculo em que mais ninguém falasse, que não fosse a Natália. Por outro lado, à medida que fui compondo as canções, fui pensando nas vozes que as pudessem defender. Fiz com base num conceito que já tinha – e com o qual andei na estrada –, que se baseia apenas em vozes femininas e transporte um

bocado esse universo para este “Natália é quando uma mulher quiser”, que baptizei para ter cada uma das mulheres a defender cada um dos temas. Foi então com base nisso que fiz o conceito e a dramaturgia acabou por ser aquilo que achei que poderia fazer sentido, evocando a Catarina Amaro, que fez a cenografia, que gostava que se retratasse a ideia de que estivéssemos no Botequim, o bar que era da Natália, e onde se faziam grandes tertúlias. Dessa forma as cantoras estavam sempre presentes no espectáculo. Isto tudo sempre revisitando as palavras dela.

E no palco estavam algumas das vozes mais importantes da música portuguesa da actualidade. Como fez essa gestão?

Não é fácil. Ainda por cima, 12 cantoras. Tens que fazer as canções e mostrar-lhes para verem se lhes faz sentido. Depois terem tempo para colocarem o seu ADN na própria música. E gravamos em estúdio antes de se ir para o palco, para se sentir como ficava, mas correu tudo bem. Todas compraram as ideias que lhes coloquei à frente. Havia ali muitas coisas interessantes, que nunca tinham sido musicadas, como é o caso d’ “A defesa do poeta”, que a Mafalda Veiga interpretou, e que foi um desafio interessante.

Este desbravar de tudo isto deu muito gozo, mas foi muito cansativo, porque houve muito pouco tempo para maturar.

Ainda por referir os músicos em palco...

Um *ensemble* de cordas e os músicos e costumam acompanhar-me. Ao todo, éramos cerca de 18 músicos e as 12 cantoras. Era assim que fazia sentido para mim e, agora, a ideia de que este espectáculo possa ir para a estrada em alguns sítios com este grande formato, mas há outros locais onde pode ser diferente, até pela gestão da agenda das cantoras. O facto de a SPA ter abençoado este espectáculo foi a forma de o pôr em palco e de perceber que tem pernas para andar.

Entretanto, também já saiu o disco, mas as músicas que ouvimos no espectáculo são todas composições originais?

Para não enganar, só duas é que não são minhas. Uma que a Natália já fazia em tempos e o instrumental de abertura, que é do Hélder Godinho, meu parceiro destas lides. 🚫





MAFALDA VEIGA



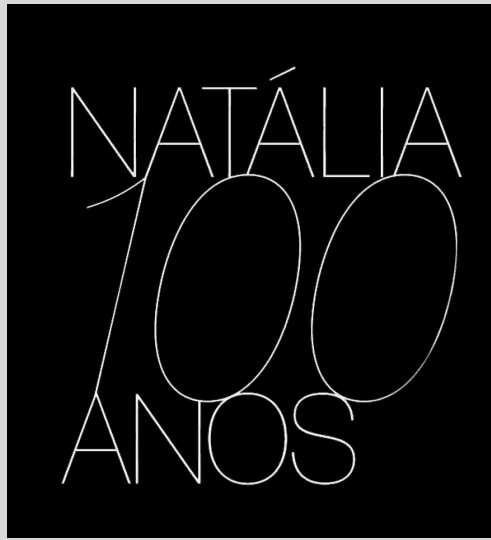
ANA BACALHAU



AUREA



KATIA GUERREIRO



MARIA JOÃO



RITA REDSHOES



ELISA RODRIGUES



AMÉLIA MUGE



SOFIA ESCOBAR



VIVIANE



**PATRICIA ANTUNES
E PATRICIA SILVEIRA**

PRÉMIO AUTORES 2022

Realizou-se no dia 12 de Abril de 2023
a entrega dos
Prémios Autores 2022.

INFORMAÇÃO

Em baixo encontram-se todos os premiados que estiveram presentes na cerimónia. No caso dos que não puderam estar presentes, os troféus foram guardados e serão entregues posteriormente.

PRÉMIO
AUTORES
2022

VENCEDORES

2022

TELEVISÃO



"DEUS CÉREBRO" RTP1
MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO

Autoria e Realização: **António José de Almeida**

"ATÉ QUE A VIDA NOS SEPRE" RTP1
MELHOR PROGRAMA DE FICÇÃO

Autoria: **João Tordo, Tiago R. Santos e Hugo Gonçalves**
Realização: **Manuel Pureza**



"CÁ POR CASA" RTP 1
MELHOR PROGRAMA DE ENTRETENIMENTO

Autoria: **Herman José**
Realização: **Eduardo Rodil**



DANÇA

"ANDA DIANA" de Diana Niepce
MELHOR COREOGRAFIA



Sara Garcia em **"FECUNDAÇÃO E ALÍVIO NESTE CHÃO IRREDUTÍVEL ONDE COM GOZO ME INSURJO"** de Hugo Calhim e Joana Von Mayer Trindade

MELHOR BAILARINO/A



ARTES VISUAIS

"MORDER O PÓ" de Fernão Cruz
MELHOR EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS



RÁDIO

"PROGRAMA DA MANHÃ" Rádio Comercial
MELHOR PROGRAMA DE RÁDIO

Autoria: **Pedro Ribeiro**



CINEMA

Carloto Cotta em "DIÁRIOS DE OTSOGA"
MELHOR ACTOR



PRÉMIO
AUTORES
2022

VENCEDORES

2022

TEATRO



Rita Rocha
em "LUA AMARELA"
MELHOR ACTRIZ



"LIMBO"
Encenação de Vitor Oliveira
MELHOR ESPECTÁCULO

Recebeu o prémio **Francisco Frazão**,
Director artístico do Teatro do Bairro Alto.



"LIMBO"
Encenação de Vitor Oliveira
MELHOR TEXTO
PORTUGUÊS REPRESENTADO

Recebeu o prémio **Francisco Frazão**,
Director artístico do Teatro do Bairro Alto.

LITERATURA

"A MULHER SEM PÁLPEBRAS"
de Ana Marques Gastão

MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA



"O MEU CAVALO INDOMÁVEL"
de David Machado
e Ilustração de Ricardo Ladeira

MELHOR LIVRO
PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE

MÚSICA

"ESTALEIRO" de Pedro Mafama
MELHOR TEMA DE MÚSICA
POPULAR



"RETRATOS" de João Madureira
MELHOR TRABALHO
DE MÚSICA ERUDITA



"COSMORAMA"
de Beautify Junkyards
MELHOR TRABALHO
DE MÚSICA POPULAR



Cumprindo-se o disposto no novo regulamento em vigor, o júri do Fundo Cultural analisou, durante o mês de Abril, um total de 327 projectos, relativos

ao primeiro semestre de 2023, tendo aprovado 133 e reprovado 194. O valor atribuído irá possibilitar a realização dos referidos projectos seleccionados nos próximos dois anos. A área da música obteve o maior número de candidaturas, seguindo-se o audiovisual, literatura, representação e artes plásticas.

De salientar que as verbas atribuídas no âmbito do Fundo Cultural da SPA, devidamente asseguradas e escrutinadas, constituem actualmente um dos mais relevantes pilares para o sucesso e continuidade do trabalho de criação dos autores, sendo dirigidas a todas as áreas culturais, num tempo de forte agravamento dos preços e do custo de vida, bem como de um escasso investimento no sector da cultura.

FUNDO CULTURAL
DA SPA APOIA UM
TOTAL DE
327 PROJECTOS

O júri foi constituído por Jorge Paixão da Costa, Pedro Campos, Tozé Brito, e João David Nunes, com o apoio da Dr^a Ana Cardoso. O público poderá ter acesso a estas obras na altura própria.

ENTREGA DO GRANDE PRÉMIO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA APT/SPA 2022

O Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA 2022, foi entregue no passado dia 28 de Novembro de 2022, em ex-aequo a **“Contos de Cantuária”** de Geoffrey Chaucer, tradução de **Daniel Jonas**, editora E-Primatur e à obra **“Casa de Dia, Casa de Noite”**, de Olga Tokarczuk, tradução de **Teresa Fernandes Swiatkiewicz**, Editora Cavalo de Ferro.

Foram também entregues as seguintes **Menções Honrosas**:

“Inventário de Algumas Perdas”, de Judith Schalansky e tradução de **Isabel Castro Silva**, Editora Elsinore;
“Ofuscante. A Asa Esquerda”, de Mircea, tradução de **Tanțy Ungureanu**, Editora E-Primatur;
“Trieste”, de Jan Morris, tradução de **Paulo Faria**, Editora Tinta da China.



Teresa Fernandes Swiatkiewicz, vencedora com a tradução da obra, **“Casa de Dia, Casa de Noite”**, de Olga Tokarczuk, Editora Cavalo de Ferro.



Menções Honrosas



CARLOS ALBERTO MONIZ

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2023

CARLOS ALBERTO MONIZ

Vencedor do **Prémio Pedro Osório** pelo álbum **“Por esse mar abaixo”**, Carlos Alberto Moniz fala sobre o seu mais recente trabalho discográfico e a sua relação de amizade com o maestro que dá nome ao galardão.

Como reagiu à notícia deste prémio?

Eu pensei em várias formas de reagir a este prémio publicamente, mas nada faz sentido...

O mais importante aqui é que a cada ano existe a atribuição de um prémio chamado Prémio Osório para que o possamos lembrar e homenagear. Nós somos todos bons, fazemos coisas muito bonitas, mas todos nós andámos com o Pedro, quer profissionalmente, quer por amizade. Eu cheguei a ser padrinho de casamento dele. O Pedro Osório marcou-me imenso. Receber um prémio como nome dele, atribuído pelos meus pares, os autores, deixa-me muito grato por ter sido a minha vez, este ano.

Este prémio tem uma relação direta com um álbum, em particular...

Um álbum que é um tri-álbum! “Por esse mar abaixo”. É o mar que está ali cantado. De início chegou a pensar-se noutra título, para evitar a ideia de plágio com o “Por esse rio acima”. Eu resolvi falar com o Fausto e disse-lhe: “Se achares que “Por esse mar abaixo” é plágio de “Por esse rio acima”, é. É mesmo. Se cantares comigo no disco, a coisa fica legalizada”.


Uma das apresentações deste trabalho aconteceu no Museu do Oriente.

Sim, mas também no Porto, na Casa da Música. E pelo país fora.

Neste caso, o suporte, não é (apenas) um CD, mas um triplo.

Pensou-se em vinil, mas era uma fortuna. Os CD até têm um aspecto gráfico de pequenos discos de vinil. São três discos de mar: o bombordo, estibordo e a proa. Não há disco 1, nem 2, nem 3, e estão lá 88 pessoas, que não estão por serem meus amigos, mas não entrou ninguém que não o fosse... Estas coisas fazem-se com qualidade técnica, mas com um ambiente, que tem de existir.

Mas eu falava na relação com o objeto, neste tempo de streaming, por exemplo.

Sim. A esse respeito, o Mário Galiano, fotógrafo e homem de grande sentido estético, criou um livro com fotografias, tiradas na Ericiera, nas traineiras dos pescadores, de quem fiquei amigo e para quem vou cantar um dia destes – nem eu recebo nem eles pagam bilhete, mas vamos estar juntos numa sala (e eu vou ouvir as histórias deles). 



TERESA FIRMINO

PRÉMIO DE JORNALISMO CULTURAL 2023

TERESA FIRMINO

PRÉMIO DE JORNALISMO CULTURAL 2023

Sociedade Portuguesa de Autores premeia Teresa Firmino, do jornal Público, com foco na informação na área da Ciência.

Que sensação lhe provoca este prémio?
Sinto-me absolutamente maravilhada e honrada por este prémio, que foi uma surpresa total, caída do céu. Linda e maravilhosa surpresa!

É assim que eu a vejo e, por outro lado, vejo também como um reconhecimento: por um lado, o de que a cultura científica é já parte integrante da Cultura, mas também como o reconhecimento do trabalho dos jornalistas de Ciência que, em Portugal, são muito poucos e trabalham muito isolados nas redações. O Público é um excepção pois, desde o início, teve sempre uma equipa. Fui muito sortuda nesse aspecto. Portanto, vejo como uma honra que, a Sociedade Portuguesa de Autores, ainda por cima sendo a instituição que é, me faz. E faz a mim e ao jornalismo de Ciência.

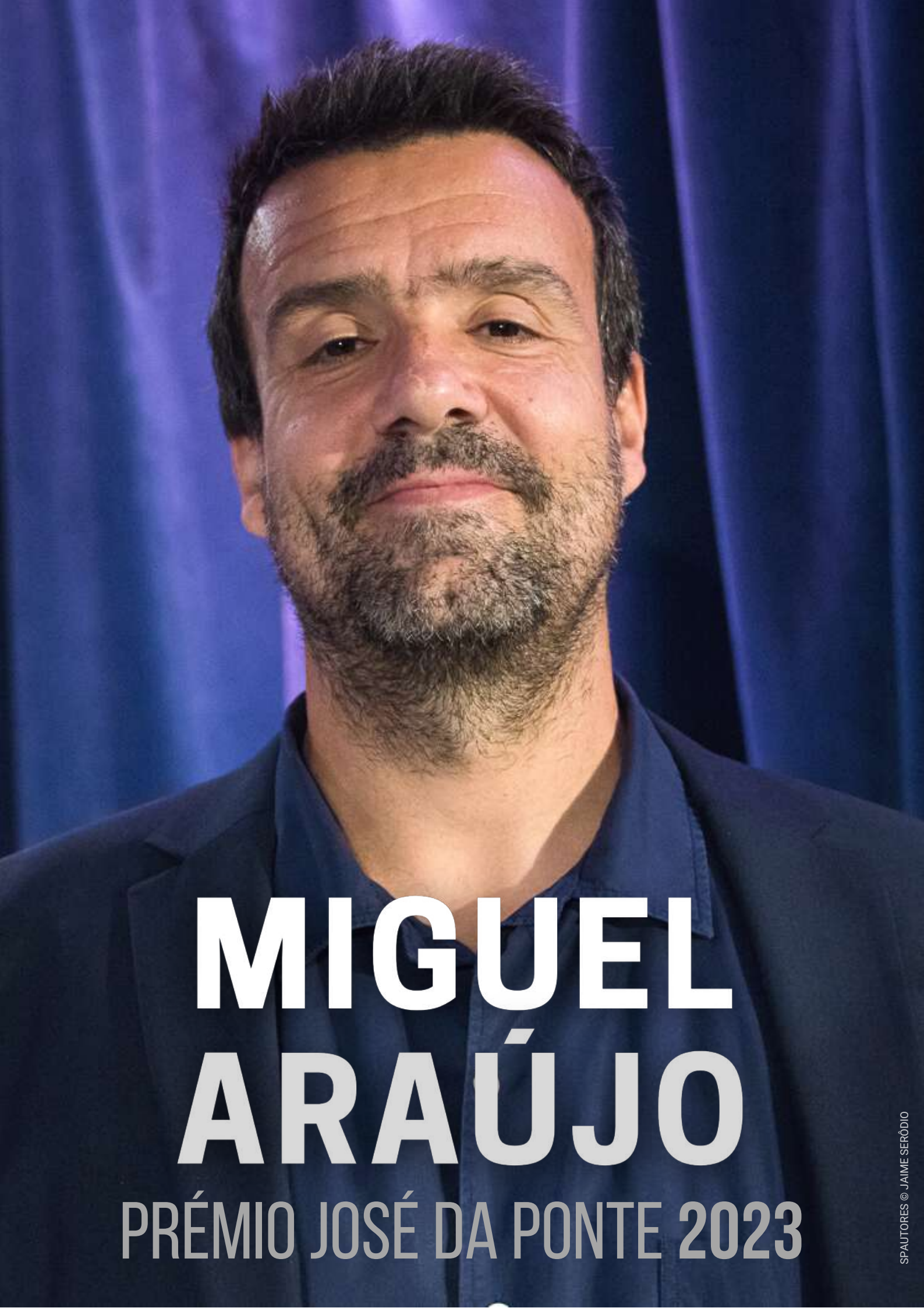
Partilhava já esta ideia de ligação especial entre Ciência e Cultura? É um dado adquirido?

Penso que para o exterior ainda há esta ideia de que o mundo da Ciência e o mundo da Cultura estão desligados. Eu penso que este prémio mostra essa ligação, esse reconhecimento de dois mundos: o mundo da Cultura no seu sentido mais tradicional e o mundo, não da investigação científica, mas da Ciência, como sendo parte integrante da primeira. É este o re-

conhecimento e também a visibilidade que este prémio traz. Fazer Ciência, e produzir conhecimento científico, na origem, é diferente de produzir Cultura. Mas o que resulta daí para a sociedade tem também uma parte cultural associada. Eu penso que é isso que nem sempre as pessoas relacionam. Se formos ao Museu de Ciência ou ao Museu de História Natural, o que é isso senão um exemplo máximo de cultura científica? Ou a produção ou edição de livros de divulgação científica? Estes não são Ciência, no sentido de fazer ou produzir Ciência, mas são uma manifestação do que é o mundo da Ciência para a sociedade.

Este prémio estimula uma maior sensibilidade para esta área?

Eu já sou muito empenhada no que faço, dia-a-dia, e vivo o jornalismo de Ciência com intensidade. Mas acho mesmo que este prémio mostra à sociedade, e não a mim, a existência desta área do jornalismo, de Ciência, que em Portugal é feito por tão poucas pessoas. Há esse lado de dar visibilidade, dar voz, a esta área do jornalismo, não só entre os jornalistas, jornais ou revistas, mas para todas as pessoas. **A**



MIGUEL ARAÚJO

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2023

MIGUEL ARAÚJO

Vencedor do prémio José da Ponte, o músico reage à distinção atribuída pela Sociedade Portuguesa de Autores e recorda o momento em que, pela primeira vez, se dirigiu à cooperativa dos autores, a SPA.

Como recebeu a notícia do prémio José da Ponte?

Foi com uma honra enorme, quando soube que tinha sido galardoado. É claro que tudo isto é muito relativo e subjectivo.

É uma distinção como outra qualquer, mas que significa muito para mim, por ser de uma cooperativa de autores. Para mim já foi uma honra enorme, quando, no fim do século passado, me fiz membro da casa.

Quando foi?

Quando já tinha uma coleçãozinha de músicas, talvez com 17 ou 19 anos. Tinha umas músicas e decidi registá-las. Devo ter trazido um CD, ou assim, e entrei no final dos anos '90. Na altura senti-me importantíssimo. Imagine-se agora! Sinto-me super importante.

Esta distinção prende-se com um álbum, que tem algumas especificidades.

É isso mesmo. Tem algumas particularidades. Ia sair durante a pandemia. Não estava pronto antes. É quase um *best off* entre mim e minha equipa, porque se trata de músicas que fui fazendo ao longo dos anos. Por qualquer razão aquelas músicas não entravam nos outros álbuns, porque eram fechados conceptualmente, ou focados num só tema.





De repente, já tinha músicas suficientes para um disco. Parece quase uma coletânea de músicas inéditas. Eram músicas que foram ficando de parte para eu lançar como *single*. E tanto é, que já vai no quinto ou sexto *single* na rádio. E as outras também não de ser *singles*.

Existiu alguma tentação de mexer no que já estava pronto e acabado?

Eu tenho muita dificuldade em dar por acabado. Em passar o verniz por cima... Mas a partir do momento em que faço isso vem a nova etapa, que é gravar, bem como produzi-la e decidir os instrumentos que vão ser usados, etc. Houve uma delas – “Lá vai Sofia” – que já estava gravada em 2017 e quase não se aproveitou nada. Fui mudando, mudando. Metemos a Orquestra Filarmónica da República Checa, mas na harmonia e melodia já não mexi. Já estava fechado.

O momento em que se fixa é a gravação?

A partir do momento em que eu já tenho a gravação aquilo fica perene na minha cabeça. Já é essa a letra e já é essa a música. E algumas das músicas são acabadas mesmo antes de as gravar. “Amores e Guarda-Chuvas” é uma das mais recentes.


O mundo da música alterou-se muito desde aquele momento nos anos '90, da inscrição na Sociedade Portuguesa de Autores?

Algumas dessas músicas nem tinha intenção de as editar e uma delas pertence ao meu primeiro disco. Chama-se “Desdita” e é dessa leva dos anos '90. Mudou tudo muito, mas o essencial são as canções. Seja com o MP3 ou com as partituras, seja como for... As canções são sempre o essencial.

E essas alterações do mundo não contaminam o processo criativo?

Uma pessoa não se pode deixar contaminar. Eu consigo desligar. Mas, quando é a altura de as lançar e promover, eu ando atento e até gosto dessa parte. Há um lado meu, que estudou Gestão na Católica, e que a põe em prática nessas alturas e que pensa nas estratégias.

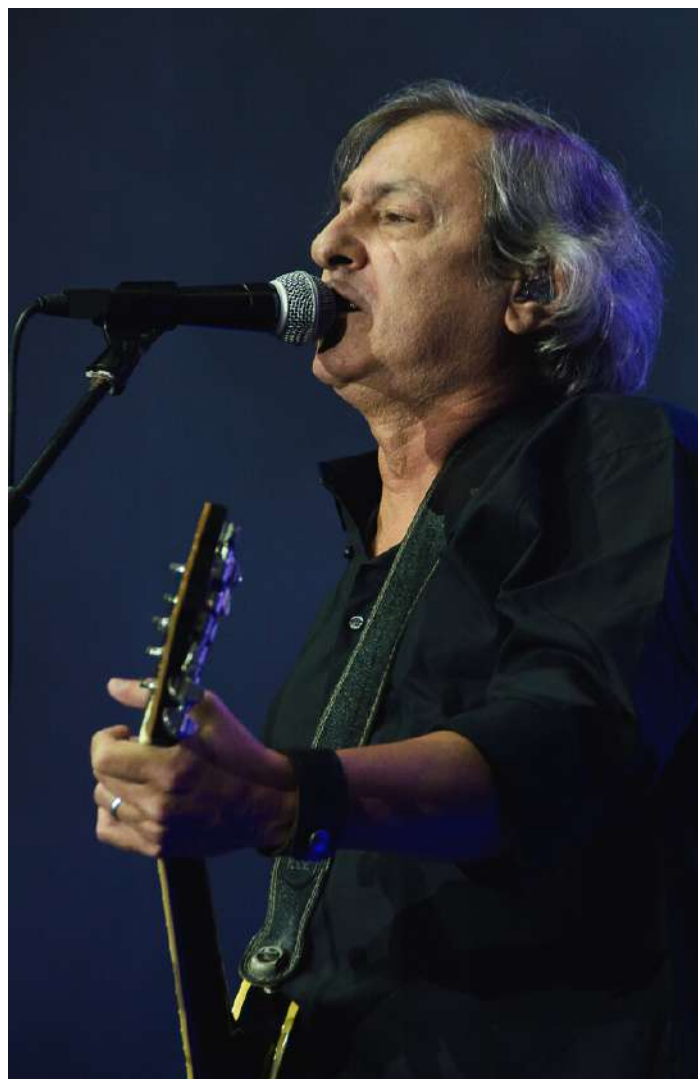
O CD já não tem a mesma relevância.

É um porta-chaves. Uma lembrança. A mudança é inevitável. Eu aprecio e dou as boas-vindas à mudança. Sempre, em geral. Eu observo as mudanças como sendo melhorias, não fico a lamentar. 

SPA E CMTV ENTREGAM A JORGE PALMA PRÉMIO LÍNGUA MÃE 2023

A SPA, em articulação com a CMTV, que leva para o ar semanalmente o programa “Língua Mãe”, com participação regular de Carlos Alberto Moniz, decidiu atribuir o Prémio Língua Mãe, entregue nas edições anteriores a **Paulo de Carvalho** e a **Fernando Tordo**, ao cantor e compositor **Jorge Palma**, pela importância da sua longa e representativa obra. Jorge Palma acaba de gravar o disco “Vida”, depois de oito anos sem ir a estúdio, apresentando-nos assim os seus temas mais recentes. Tal como aconteceu nas edições anteriores, foi levada em consideração a extensão da carreira e a qualidade muito elevada das obras criadas. Jorge Palma, com uma presença regular nos palcos de todos o país, completa 73 anos de idade no dia 4 de junho 2023, sendo um dos autores mais originais e marcantes da nossa vida musical. A SPA congratula-se com esta escolha e sabe que, mais uma vez, foi feita justiça em relação a um grande autor e intérprete de canções.

O **Prémio Língua Mãe** terá o destaque adequado no próprio programa da **CMTV** em que **Jorge Palma**, na altura própria, irá estar presente.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

RELATÓRIO E CONTAS DA SPA APROVADOS COM 157 VOTOS

O Relatório e Contas do Exercício de 2022 da SPA foram aprovados em assembleia geral por “zoom” com 157 votos a favor, quatro contra e cinco abstenções. O parecer do Conselho Fiscal e o Relatório de Transparência obtiveram, respectivamente, 156 e 155 votos a favor. Foi apresentado um “powerpoint” dando conta dos resultados financeiros e operacionais obtidos nos anos de 2022, que foi saudado por vários cooperadores como sendo o rosto visível da correcta e mobilizadora gestão da instituição que irá comemorar o centenário da fundação em 22 de maio de 2025, estando já em preparação vários actos e edições comemorativos da efeméride.

SPA APELA À DEFESA DA MÚSICA PORTUGUESA NA RÁDIO

A SPA, solidária com as reivindicações de autores, artistas e produtores, apela aos partidos políticos que aprovem a fixação de uma quota mínima de 35% de música portuguesa tocada

nas rádios, como medida de apoio à actividade criativa que tão necessária é para a vida colectiva.

A cooperativa dos autores portugueses considera que, para além da questão fundamental das quotas de música portuguesa, existem alguns aspectos na actual legislação sobre a matéria a carecer de revisão e está disponível para, em sede própria, prestar os contributos considerados adequados.

A close-up portrait of José Nuno Martins, a middle-aged man with grey hair, wearing black-rimmed glasses, a white shirt, a patterned tie, and a grey herringbone jacket. He is looking directly at the camera with a slight smile, and his right hand is raised to his forehead, touching the top of his glasses. The background is dark and out of focus.

JOSÉ NUNO MARTINS

PRÉMIO IGREJAS CAEIRO 2023

JOSÉ NUNO MARTINS

PRÉMIO IGREJAS CAEIRO 2023

Como reagiu à notícia da atribuição do Prémio?

Foi com uma lágrima ao canto do olho, porque dou muita importância ao prémio.

É uma coisa vinda da SPA, mais do que isso, vinda dos pares, dos amigos, dos companheiros, dos tipos que faziam o mesmo que eu faço, que é, no fundo, deitar fumo pelas orelhas... Comoveu-me o facto de me sentir muito orgulhoso, de ficar historicamente ligado a uma pessoa que eu estimei muito, sobretudo na fase final que eu acompanhei, que foi o Igrejas Caeiro. O Igrejas Caeiro é, sem dúvida, a maior personalidade da rádio portuguesa de todos os tempos. Vai ser muito difícil daqui para a frente encontrar-se outra figura como ele, com a criatividade dele, com a universalidade dele, com a carteira de contactos dele, com a sua capacidade de gestão artística.

Estamos a falar de alguém que também trabalhava diretamente com os artistas.

Aprendi com ele. Muitas vezes, eu pensava, quando me via em aflições, como é que pensaria fulano, sicrano...e como é que faria o Igrejas Caeiro? E o Igrejas Caeiro passou grandes sustos na vida, foi muito injustiçado, mas foi querido de todos os públicos. Eu, por exemplo, era só para o FM, só trabalhava em FM, fiz coisas na Onda Média, evidentemente, mas sentia que não passava. Agora ele? Atingiu todos. Mas há mais, porque ele convivia



com a intelectualidade, com o mesmo à vontade com que convivia com as peixeiras do mercado da ribeira. E ele era assim em Lisboa, como em Faro, como em Olhão, ou Bragança, ou Vila Pouca de Aguiar, em todo o lado. E não havia internet, não havia telemóveis, não havia *web*, não havia nada! Era ele. A comunicar como ninguém. Ele era “teatreiro”, postigo nalguns momentos... Tinha faculdades criativas absolutamente únicas. Não havia escolas de comunicação. Não havia nada. Tinham inveja dele, e ele competia com grandes amigos, tal como nós ainda hoje competimos com grandes amigos nossos, pelas audiências: o Domingos Lança Moreira, o Artur Agostinho, o Pedro Moutinho, ele convivia com essa gente toda, o Zé Oliveira Cosme, que era um grande émulo dele... ficar historicamente ligado, por mérito dele, não pelo meu, ao Igrejas Caeiro, é para mim uma coisa referencial. Eu tenho a certeza de que há muita gente que pensa como eu, quem o conheceu, quem o ouviu e quem o viu. Eu vi-o, pela primeira vez, deve ter sido em 1960 ou 1961, 1959, por aí, no cinema Éden, a fazer o Companheiros da Alegria. Era um programa muito ouvido.

Como acompanha estes tempos da rádio?

Estou muito surpreendido com uma rádio recentíssima, Observador, tem quatro anos. Irrita-me às vezes ouvir aquilo, porque há coisas que eu não concordo de todo, mas que aquilo tem uma chama criativa, muito divertida e muito eficaz, tem, e aquilo vai passar as crises. É uma estação vencedora, que está a fazer um abanão completo, muito irritante, mas é bom de ouvir.

As rádios passam por várias fazes e a rádio Observador parece estar em contraciclo.

Sim, completamente.

A rádio será em grande media criatividade, de quem está à frente do microfone?

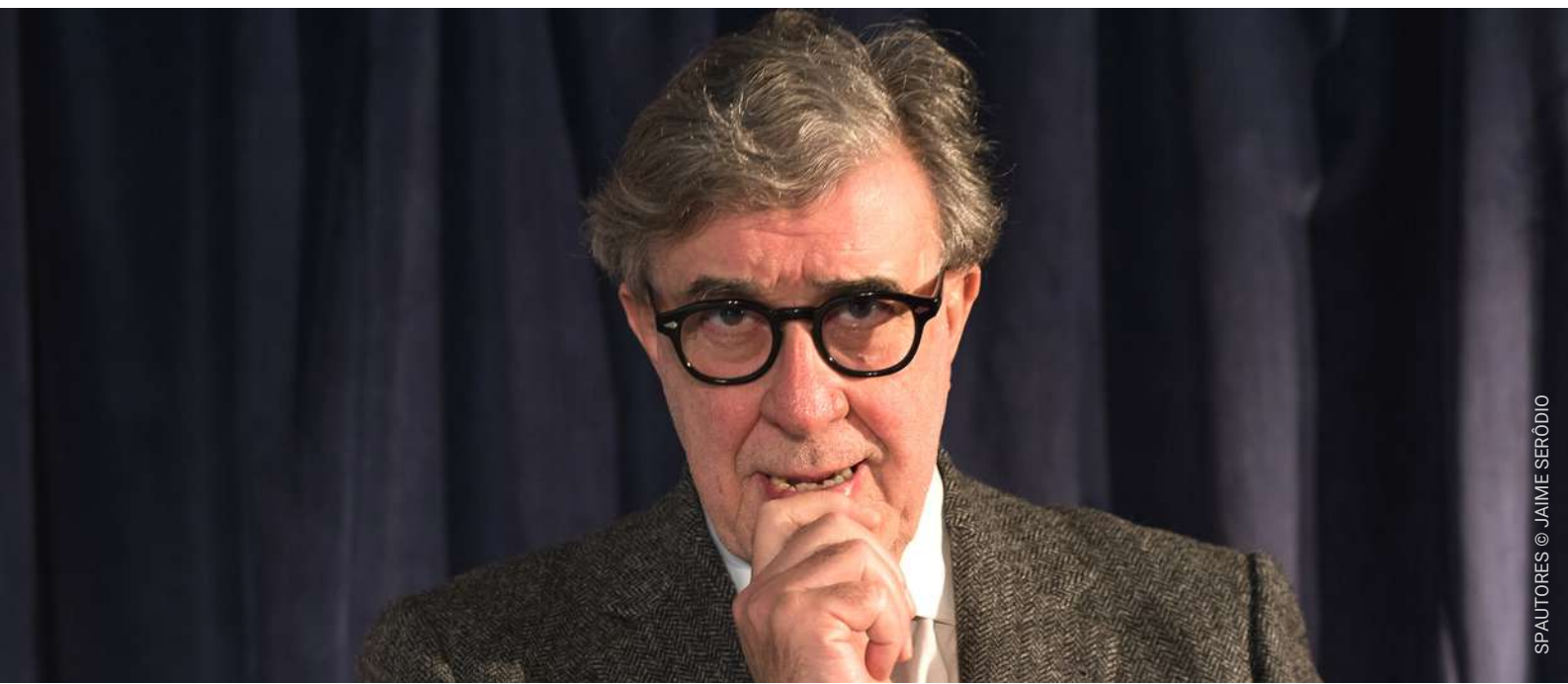
Hoje já não é tanto assim.

Passou por uma fase muito influenciada por estudos norte-americanos, por exemplo.

Sim, sim e alemães.

E que se impuseram com determinados modelos, em alguns casos, privilegiando o canal, não tanto os criativos, mas , mais recentemente, quando rádios que parecia estarem a ganhar a sua identidade de marca, enquanto canal, e a perder a influência dos seus locutores, enquanto âncoras, começaram a contratar humoristas para os programas da manhã, que parecem fugir aos formatos. Voltamos à lógica em que é a criatividade – e, nem que seja um aparente improvisado –, que consegue recuperar audiências?

Estou inteiramente de acordo com isso. É uma análise correctíssima. É verdade. As pessoas, penso eu, têm um segredo que é contarem histórias ao ouvinte. Sempre procurei contar histórias, porque quando contamos uma história estamos a agarrar a audiência. É preciso saber contá-las. Mas quem o saiba... eles contam uma história que é, no fundo, dar o seu ponto de vista pessoal sobre a sociedade, fazerem humor. E o que não faltam são fontes para o humor, basta agarrarem-se a um político qualquer... Essa lógica subscrevo totalmente. É voltar a um personalismo que faz todo o sentido. As pessoas precisam desse acompanhamento ao pé do ouvido. **A**





PEDRO COELHO

PRÉMIO MÁRIO MESQUITA 2023

PEDRO COELHO

Na entrega do prémio MÁRIO MESQUITA 2023

Um agradecimento muito especial e muito sentido à Sociedade Portuguesa de Autores por me ter distinguido na segunda edição do Prémio Mário Mesquita.

Mário Mesquita será sempre uma das nossas maiores referências no jornalismo e no ensino do jornalismo. Receber um prémio com o nome dele é aproximar-me, mais ainda, do meu antigo professor, do homem brilhante e humilde que me cativou e inspirou.

Obrigado, igualmente, por me darem o privilégio de suceder a uma das jornalistas que mais admiro. Sou há 30 anos amigo da Cândida Pinto, com quem reforcei a amizade que nos une nas inúmeras e difíceis discussões profissionais que tivemos enquanto ela coordenou a Grande Reportagem da SIC.

Obrigado, igualmente, ao Daniel Cruzeiro, pela tarefa ingrata de me apresentar; o Daniel que, tendo estado sempre muito próximo de Mário Mesquita, soube aproveitar o privilégio dessa proximidade para espalhar o legado...

Escolhi o Daniel pela proximidade ao Mário, mas também pela ousadia, pelo sobressalto, pelo inconformismo que sempre o caracterizaram.

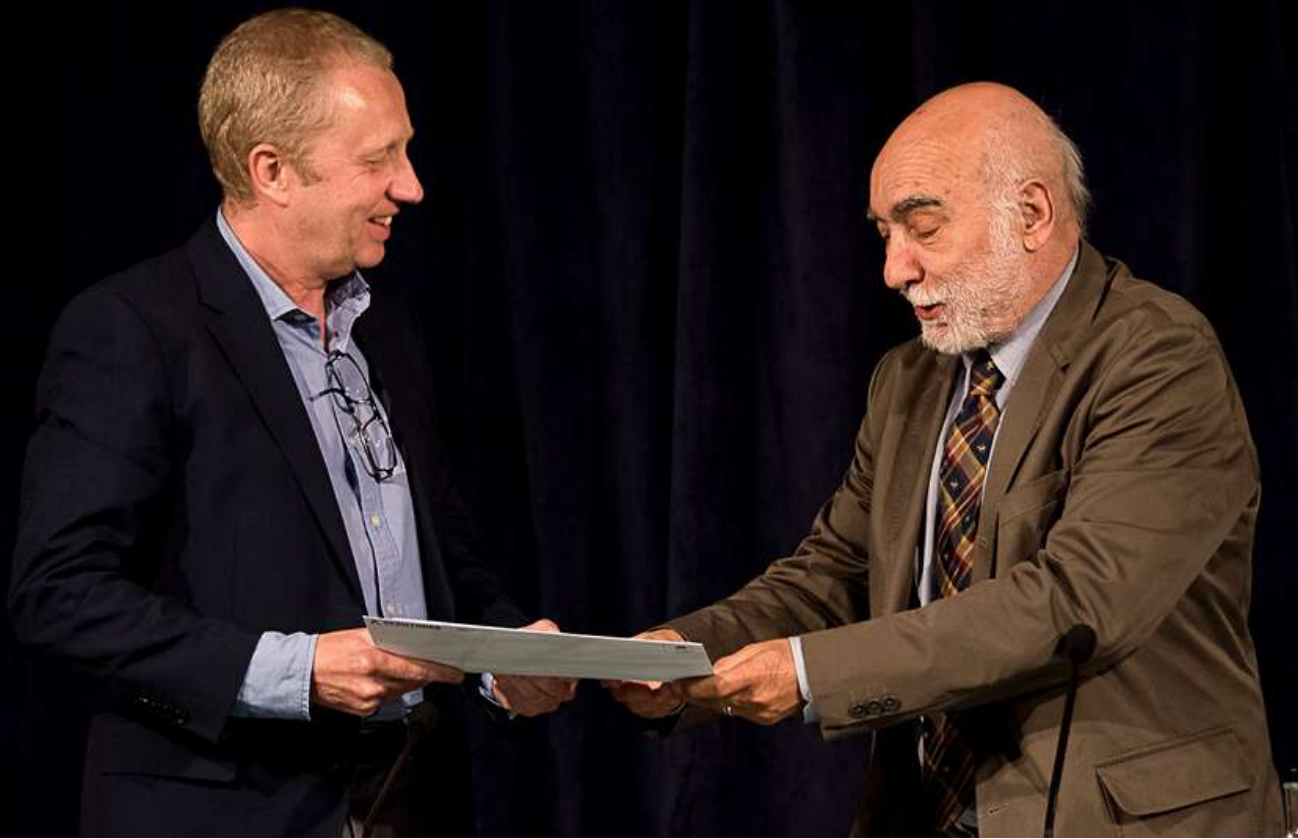
Aproveito esta cerimónia para vos revelar a minha interpretação sobre a escolha da Sociedade Portuguesa de Autores. Creio que recebo este prémio por, ao longo dos últimos 35 anos, ter sido um privilegiado no jornalismo. Tenho tido o privilégio de fazer reportagem. Mesmo agora, neste tempo de penúria e enorme fragilidade do jornalismo, continuo a dispor do privilégio do tempo. E aí, tenho de agradecer ao Ricardo Costa, diretor de informação da SIC, por me conceder o privilégio do tempo, para fazer aquilo que o jornalismo português quase não consegue fazer – reportagem de investigação. Agradeço-lhe, igualmente, por aguentar as consequências das revelações. Ainda por cima, em televisão. Afinal, a televisão é uma plataforma inimiga da investigação. Se a investigação jornalística se esforça por revelar o oculto, escavar as diversas camadas que o cobrem é matéria que contraria o ADN da televisão, que, alimentando-se de imagens, sobrevive com o que se vê, nunca com o que não se vê.

Mas regresso à reportagem.

Em 35 anos fiz tanta coisa; estive em tantos lugares; em tantas geografias, cruzei-me com tantas pessoas, tão diferentes umas das outras: banqueiros, criminosos condenados, velhos sábios, novos-ricos, indigentes, fanfarrões, inteligentes, burros, atletas, estropiados, quase mortos, mortos-vivos, muito vivos - fortes e guerreiros, tristes, absolutamente felizes, invisíveis, anónimos, celebridades, presidentes...

Algumas das reportagens em que participei provocaram a mudança, mas a maior parte delas deixaram tudo igual, mesmo que, depois delas, nada devesse ter ficado igual.

Permitam-me que vos fale da última investigação onde participei – 591 elementos das forças de segurança foram, pela equipa que investigou esta matéria, apanhados – em grupos fechados do Facebook, mas também nas páginas pessoais – a espalharem ódio e a apelarem à violência contra figuras públicas racializadas, contra minorias, contra políticos, contra mulheres, contra alegados criminosos, a quem muitos desses 591 recomendam pena





de morte imediata... Passaram cinco meses. É certo que a exibição e publicação das reportagens gerou uma onda nacional de indignação, que chegou aos decisores políticos, mas, verdadeiramente, nada mudou; e essas mensagens continuam.

Era Martha Gelhorn quem nos dizia que, quando jovem, encarava o jornalismo como “uma luz orientadora”. “A função do jornalismo, acreditava a repórter, era “ser os olhos da consciência das pessoas”. E essas pessoas, a opinião pública, Gelhorn imaginava-a “força sólida, algo como um tornado, sempre pronto a soprar do lado dos anjos”. O tempo obrigou-a a desacreditar no poder do jornalismo e no efeito da opinião pública. Escreveu, por isso, a autora em 1959 (sublinho o ano, 1959), que, afinal, “as pessoas engolem mais facilmente mentiras do que verdades” ... E a luz orientadora do jornalismo, concluía, “não era mais forte do que um pirilampo”: “os nossos artigos adiantavam tão pouco, que mais pareciam ter sido escritos em tinta invisível, impressos em folhas e soltos ao vento” ...

Martha Gelhorn, por tudo o que nos deu, ficou na história... Mas ela teria preferido que as histórias que fez tivessem, de facto, contribuído para mudar o mundo. E ela, que reportou densamente a guerra, morreu com a frustração de saber que, apesar de toda a luz que nos deu, a guerra, apesar dos efeitos de todas as guerras, continua na sua “horrrível repetição”.

Regresso aos polícias. Nada mudou nos polícias, até o diretor nacional da PSP foi reconduzido. Ainda assim, a reportagem “séria e honrada”, só para citar, pela última vez, Gelhorn, serve para municiar as pessoas com informação para, como escrevem Kovach e Rosenstiel, estas poderem tomar decisões livres e gerir as suas vidas.

Estamos, todavia, e de forma ostensiva, a abandonar a reportagem e a substituí-la por um género híbrido, as notícias com reações, que, escudadas na falta de tempo, ou na falta de meios, se limitam a sobrevoar um acontecimento, evitando mergulhar no detalhe que, verdadeiramente, estrutura os acontecimentos. Um sobrevoo, que afasta o jornalista do lugar do acontecimento, apenas lhe permitindo uma descida relâmpago ao terreno para recolha rápida de reações.

As notícias com reações criam a ilusão da reportagem e, em todas as plataformas, estão a matar a reportagem, porque jornalistas, coordenadores, diretores, continuam a chamar a essa ilusão reportagem.

Nas televisões optamos, tantas vezes, por usar imagens de arquivo e fazer entrevistas por zoom; não pomos sequer os pés no lugar do acontecimento. E, ainda assim, continuamos a chamar a esse híbrido deslaçado, reportagem.

Ou então, optamos pelo direto. O direto promove, como escrevia Ignacio Ramonet, em 1998, uma “censura invisível”, porque o jornalista fica agarrado a um lugar, sem poder ir à procura da notícia, o esteio da reportagem. O círculo da informação fica reduzido aquele ponto específico, porque diretos atrás de diretos nas televisões não permitem mergulhar no detalhe, nem destapar as camadas de oculto que cobrem a verdade.

É por isso que todos, em todos os canais, fazemos igual, mesmo que alguns de nós façam diretos com mestria, diretos atrás de diretos deixar-nos-ão sempre muito longe da reportagem e dos efeitos que a reportagem provoca.

Sabemos, pelas sondagens, que as pessoas gostam dos diretos, mesmo desses diretos do nada. Por causa desse gosto insalubre lembrei-me da forma como Mário Mesquita classificou os desejos das audiências, no livro de crónicas - “Deve e Haver” - que publicou, em 1984. Escrevia o Mário que convém “traçar limites” ao critério linear das audiências. As televisões não podem dar ao público o que este deseja, porque, dessa forma, se o público quiser “o vazio” teremos de dar-lhe o vazio. Por outro lado, concluía, lúcido, como sempre, Mário Mesquita, também não podemos dar ao público, apenas, aquilo que classificou como o “equivoco professoral”, que consistia, afinal, na submersão dos destinatários das emissões televisivas em “programas doutrinários, culturais ou educativos” ... Mário Mesquita reclamava, por isso, uma “zona de equilíbrio”; lugar que, digo eu, neste nosso tempo, é cada vez mais estranho à nossa televisão.

Enfim!

Creio, por fim, que apenas ganho este relevante prémio por ter sido, ao longo destes quase 35 anos, um privilegiado... Gozo do privilégio do tempo para poder fazer o que no jornalismo, verdadeiramente, o distingue das outras formas de comunicação, a única coisa que, pessoalmente, me sobressalta: reportagem. Obrigado.

A close-up portrait of José Pacheco Pereira, an older man with long, grey hair and a full, grey beard. He is wearing a red sweater over a white collared shirt. The background is slightly out of focus, showing some papers or drawings with faint lines and a red mark.

**JOSÉ
PACHECO
PEREIRA**

PRÉMIO VIDA E OBRA 2023

ENTREVISTA

JOSÉ PACHECO PEREIRA

PRÉMIO VIDA E OBRA 2023

A distinção a José Pacheco Pereira com o **Prémio Vida e Obra**, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores, foi pretexto para uma conversa na *Ephemera*.

Este é um espaço [Ephemera] que impressiona pela dimensão e pelo conteúdo.

Ainda não viu nada! Isto é uma espécie de amuse-gueule!

É uma introdução a um vasto conjunto de coisas que incluem cerca de seis quilómetros de estantes de material, portanto...

Já dá para ter uma ideia.

Por aí tem uma ideia.... Estão dispersos e isso é um problema.

A Ephemera tem um problema de espaço?

São várias coisas: é o espaço, porque nós temos dois armazéns no Barreiro; um armazém grande em Santa Iria; seis casas na Vila da Marmeleira e, depois, muitas coisas que estão em armazéns, nos pontos de recolha, onde, periodicamente, passa uma camioneta e traz. Isso torna difícil a consulta. Por vezes, temos pedidos de investigadores e temos dificuldade em responder de imediato, porque temos de ir buscar as coisas a um determinado sítio... e, portanto, isso é um dos problemas; um outro problema, que aliás é também uma vantagem, é que isto é uma realização de voluntários, portanto, o que nós temos são os nossos amigos que, em todo o país,





andam à volta das 100 a 150 pessoas... nós somos a única instituição capaz de cobrir a nível nacional as eleições autárquicas. Estamos a falar de milhares e milhares de campanhas e dezenas de milhares de documentos e nós temos alguma capacidade para cobrir. Nas eleições de 2021 vamos em cerca de 60%, o que é excepcional. Mas estamos sempre abertos para receber mais material. O facto de sermos todos voluntários significa que nós nem sempre podemos responder rapidamente às solicitações: ou porque se trata de espólios que ainda não estão tratados ou porque se trata de um inventário que ainda não foi terminado, temos problemas deste género. E também, se quiser, nós somos sustentáveis. Nós fazemos um esforço para não fazermos nada que não seja sustentável pelos recursos que temos. Nós vivemos essencialmente dos nossos associados, que, actualmente, são mais de 600 associados, que pagam uma quota mínima, ou na medida da sua disponibilidade, e são quem nos garante solidez. Depois, fazemos acordos com autarquias e com instituições, com contrapartidas, do género: querem fazer uma exposição sobre cartazes do 25 de Abril, muito bem, nós temos os cartazes, mas precisamos que sejam emoldurados, pronto, esse é no nosso *trade-off*. Mas de um modo geral, sendo um arquivo com estas características, tem uma produção muito superior a arquivos que recebem centenas de milhares de euros. Em livros, cadernos, acesso aos investigadores e exposições. Nós, na comemoração do 25 de Abril de 2022, tínhamos simultaneamente 12 exposições em todo o país,

e estamos permanentemente a fazer circular essas exposições. Isso significa também que dezenas de milhares de pessoas já viram os materiais da Ephmera. As coisas correm bem. Mas deixe-me só dizer uma coisa. O nosso objectivo primeiro é salvar, quer dizer, nós temos uma regra que é: o que entra aqui [na Ephmera] está melhor do que se estiver lá fora. E salvar significa que nós fazemos coisas deste género, por exemplo, quando estava para ser demolido um estádio no Barreiro, nós fomos lá com um grupo de amigos e andámos, no meio de seringas e de lixo, para recolher materiais para a história do desporto no Barreiro. Outra história exemplar ocorreu há dois meses: às cinco da tarde, nós recebemos um telefonema a dizer: “o CDS, em Coimbra, fechou e deitaram tudo ao lixo, está tudo em frente da sede”.



O nosso objectivo primeiro é salvar, quer dizer, nós temos uma regra que é: o que entra aqui [na Ephmera] está melhor do que se estiver lá fora.

Lá conseguimos arranjar um amigo da Figueira da Foz, que foi lá com uma carrinha e nos telefonou a dizer “Bom, já aqui não está nada, mas estão ali os caixotes do lixo”. Ele foi aos caixotes do lixo e nós conseguimos recuperar os papéis do CDS de Coimbra. Portanto, salvar é a nossa prioridade. O resto vem em complemento. O que está cá dentro e o que nós salvamos é importantíssimo para história de Portugal. Em alguns casos para outros países, como Espanha, por exemplo, Brasil, as nossas antigas colónias. Salvar é a prioridade fundamental e primeira.

Como é que se angaria esta vontade de ajudar?

As pessoas batem à porta. Se estiver aqui a manhã inteira, vai ver que às tantas aparece aí um carro, sem avisar, cheio de coisas. Nós temos a política de receber tudo, que é uma coisa que os arquivos, como presumo, não podem fazer. Mas nós não nos arrependemos. É certo que vêm muitos (materiais) repetidos, as pessoas agora estão a deitar os livros fora... Eu costumo dizer, na brincadeira, que nós somos especialistas em falecimentos, em divórcios, mudanças de casa, despejos e na segunda-feira a seguir às eleições. Nas sedes deita-se tudo fora. Nós estamos atentos a essas realidades. Temos pontos de recolha em Viana, no Porto, na Figueira da Foz, Coimbra, Viseu, Guarda, Lamego, Lisboa, Torres Vedras, Barreiro... E temos amigos nossos que periodicamente mandam umas caixas com coisas. Para lhe dar um exemplo, em Viana, um grupo de amigos nossos estão, num dia de semana, num horário, que é conhecido, num café central, que aliás colabora conosco. As pessoas vão lá, entregam as coisas, e depois a associação dos comerciantes dá-nos uma sala em frente. E nós vamos para lá, onde, no caso de Viana, as coisas até vêm organizadas.

Em Viseu, temos uma sala no Instituto Politécnico de Viseu, que funciona de modo similar. Mas varia muito conforme os sítios. Em Lamego é o Museu de Lamego, mas esse fluxo é contínuo. Aliás, a nossa maior despesa, neste momento, são as recolhas. Estamos a falar de transportes e pessoal, que são assegurados por empresas profissionais. As outras coisas são sustentáveis, por exemplo, as rendas dos armazéns do Barreiro são sustentadas com as quotas. Temos apoio da Câmara Municipal do Barreiro. De um modo geral, nós somos uma instituição sustentável e isso não significa que não sejamos o maior arquivo privado em Portugal. E provavelmente da Europa! Eu digo isto sem problema. São os seis quilómetros de estantes. São duzentos e cinquenta mil títulos; entre quinhentos a quatrocentos mil panfletos, não só portugueses, mas espanhóis, franceses, brasileiros; várias dezenas de milhares de cartazes de todo o mundo, por exemplo, temos uma boa colecção de cartazes iranianos, por estranho que pareça, na verdade, uns amigos nossos foram ao Irão fazer uma visita turística.

E fizeram uma recolha!

Andaram a arrancar cartazes! Eu disse-lhes “Vocês são doídos! Isso é uma coisa que não se faz no Irão! Andarem a arrancar cartazes eleitorais!” O que é certo é que estas pessoas trouxeram uma boa quantidade de cartazes eleitorais. Depois temos gente no Brasil que nos manda material do Lula, do Bolsonaro... Nós recolhemos de todo o espectro político, de todo o mundo. Esses panfletos estão a ser organizados em Santa Iria. Lá montámos uma mesa com cerca de cem metros e os nossos amigos voluntários estão lá a fazer a separação dos panfletos, que vão depois para pastas que permanecem sempre abertas. Temos também certamente a maior colecção de pins em Portugal. Temos uma enorme colecção de autocolantes internacionais.



Ainda recentemente recebemos uma doação de um amigo nosso espanhol, que colecionou autocolantes (que lá se chamam pegatinas), durante muitos anos e ofereceu-nos a colecção integral. Nós vamos todos os anos a Espanha e voltamos com as carrinhas completamente cheias de materiais que amigos espanhóis recolhem: panfletos, cartazes... e da última vez tivemos uma oferta especial, que até está aí num dos armários, que é uma bandeira da Guerra Civil de Espanha. E mesmo a realidade portuguesa tem coisas únicas, por exemplo, está ali uma mala muito estragada, que veio de Paris e tem, nem mais nem menos, do que o aparelho de falsificações da LUAR [Liga de União e Acção Revolucionária], ou seja, um conjunto de carimbos que estão ali que eram usados para a falsificação de documentos. Nós temos alguns documentos falsificados do Palma Inácio e de outros. O nosso maior sucesso, em qualquer exposição, é um par de sapatos, deixe-me mostrar-lhe. Estes não são um par de sapatos comuns, entre a parte de cima e a sola está uma serra, feitos pelos militantes da LUAR. Existiam três exemplares, mas dois deles estragaram-se e este é o único par que sobreviveu. Serviam para quando fossem presos, pois assim já levavam a serra para cortar as grades da prisão. Este tipo de objectos são únicos pela sua natureza. Temos muitos de vários países, o que faz com que, quando nós fazemos uma exposição, até podemos ter os ecrãs mais fabulosos, podem haver coisas a três dimensões, pode ter o que quiser, mas são os objectos que atraem as pessoas e a pessoas vão à exposição atrás destes sapatos, por exemplo. Nem que seja pela perplexidade de saberem o que é.

Nós temos um arquivo que é mais um movimento pela memória do que um arquivo tradicional e temos um arquivo muito original em relação àquilo que é o conservadorismo de muitos arquivos. Recolhemos tudo. Por exemplo, temos uma grande colecção sobre gastronomia. Aliás, numa daquelas mesas está um amigo nosso, voluntário, que trata do núcleo de gastronomia. A recolha de ementas históricas, com assinaturas e tudo, recolhe receitas manuscritas e recolha anotações sobre gastronomia, algumas modernas. Hoje, enquanto estamos aqui a conversar, já entraram os papéis do supermercado, e qual é a importância disso? Deixamos passar dez anos e nós já vamos olhar para eles de maneira diferente. É o tempo que faz as coisas. Nós já fizemos um programa sobre receitas, com a Chef Justa Nobre, que fez uma refeição com receitas antigas e um dos comentários que fez foi acerca das quantidades de sal, as quantidades de gordura...

E o modo como isso se alterou ao longo dos anos.

Exactamente. Temos aqui livros, agendas antigas, em que as receitas primeiras são as da avó, depois as da filha e depois as da neta. Isso também é muito interessante para a história.

E receitas que ficaram na moda ou em determinada altura, com outros ingredientes, que foram retirados da nossa realidade.

A realidade social, por exemplo, uma imagem de receitas de cocktail dos anos 20 ou 30 tem toda a gente vestida a rigor, o lacinho e alguns com a criada vestida a rigor. Portanto, existem dois mundos nas receitas. Nas imagens dos doces aparecem as criadas com um ar anafado a trazerem os doces, já nas receitas dos cocktails,



estão as senhoras esplendorosas. Nós conseguimos saber muita coisa sobre Portugal que ninguém sabe. Eu não digo isto por jactância ou arrogância, é que nós vemos coisas que efectivamente não aparecem em livros e que as pessoas não sabem que existem. Eu dou um exemplo... nós sabemos o que é um rapaz solteiro a viver numa pensão, nos anos 30 ou 40. Não é nada o que a gente pensa. Porque nós temos correspondência, muita dela amorosa, que já publicámos e é o nosso maior sucesso em livro, que se chama Amorzinho, em que são duas pessoas de baixa proveniência social, que é uma costureira, filha de um taberneiro, muito pobre, que primeiro escreve com dificuldade e ele é empregado de escritório, que vive numa pensão, e ele conta-lhe como é viver numa pensão. Isto é muito importante para perceber, que nos filmes portugueses dos anos '30 e '40, aquelas pessoas que lá aparecem que eram marçanos ou trabalhadores do Grandella, eram solteiros e viviam em pensões. Nós sabemos, por exemplo, o que é por exemplo ser cego e viver em Instituições, porque temos um diário escrito por uma senhora, que desde a sua infância vivia em Instituições porque era cega. Nós sabemos qual é o drama da eutanásia, temos um espólio de senhora que queria ser morta e uma das coisas trágicas é a degradação da escrita, até deixar de ver. Nós temos diários de adolescentes, num deles uma adolescente escreve o seguinte “fui pedida pela primeira vez em namoro, eu tenho doze anos e ele tem dezasseis, são quatro anos de diferença.” E depois elabora e aquilo era o caderno escolar. Quando vamos ver esse diário, aquela entrada é, mais ou menos, em Setembro, a primeira vez que é pedida em namoro e até ao final do ano tem mais três namorados. A quantidade de coisas que temos, por exemplo, materiais de um faroleiro, numa altura em que os faróis não eram como são hoje, automáticos, em que faroleiro tinha uma vida de solidão e nós temos uma ideia do que é viver solitário num farol; nós temos diários de militares e uma quantidade grande de correspondência amorosa de vários grupos, um dos quais durante a Guerra Colonial, onde houve uma enorme movimentação.

Há uma questão que é central. A importância da memória é-me evidente, mas não o parece ser para muitas pessoas, que nos divórcios ou nas mudanças de casa, por exemplo, se desfazem de memórias, por assim dizer.

Como com os livros.



Uma coisa é lermos ensaios sociológicos ou económicos, outra coisa é percebermos o que era viver no limiar da miséria absoluta em muitos sítios, em Lisboa e no resto do país.

Exactamente.

É certo que essas pessoas não têm o espaço que os seus pais tinham, mas, na verdade, deitam os livros todos fora.

E não há sequer uma triagem?

Não há sequer quererem ficar com uma parte.

Para alguém com um projecto que tem mais do que uma década, já quase próximo dos quinze anos, e que tem precisamente por base salvar e recolher espólio, qual é a importância da memória?

É enorme. Há uma frase do George Orwell, que está aqui na parede junto de um nosso outro armazém, numa grande pintura de Arte Nova, e que pode ser mudada em várias sequências, que é assim: “Quem controla o passado, controla o presente, quem controla o presente, controla o futuro.” Há várias variantes ou mecanismos e isso é inteiramente verdade. Por exemplo, nós temos aqui um manancial, nós usámos um poema do Brecht que é As Palavras de um Operário Letrado, em que ele pergunta “A muralha da China é um grande monumento, mas quem é que a fez? César era um grande general, mas quem era o cozinheiro de César? Quando recebi o doutoramento *honoris causa*, eu fiz uma intervenção sobre César e o seu cozinheiro e nós temos um arquivo sobre César e os cozinheiros, arquivos que são fundamentais para a história de Portugal. Temos do Sá-Carneiro por exemplo, e arquivos de pessoas comuns e o que aprendemos com eles. Isso remete para a importância da memória, que é enorme. Por exemplo, nós temos uma ideia muito importante sobre as condições de vida das pessoas, principalmente daquelas que têm menos e são mais pobres. Isso é um elemento fundamental para nós percebermos a história de Portugal. Uma coisa é lermos ensaios sociológicos ou económicos,

outra coisa é percebermos o que era viver no limiar da miséria absoluta em muitos sítios, em Lisboa e no resto do país. Outra coisa é perceber por exemplo o problema do analfabetismo e da alfabetização, perceber que há coisas sobre o presente que a gente só tem uma noção clara através do acesso ao passado. Mas a memória é perigosa! A memória é incómoda. Nós temos aqui várias coisas muito incómodas, algumas até no plano político, de tempos mais recentes. Nós temos, por exemplo, coisas que vistas com os olhos de hoje seriam pedofilia. Mas com os olhos de hoje, não com os olhos que havia na época. E preciso perceber onde é que isto se passava e porque é que isto se passa.

Isso é o tema do historiador, neste caso, a análise dos documentos, com perspectiva. Entender a história com os olhos de hoje é sempre um desafio. Há sempre uma transformação trazida com o tempo.

Com essa transformação e com a imperfeição das transformações, porque muitas vezes pode parecer que certas coisas mudam, quando na realidade muitas coisas não mudam. Nós temos, por exemplo, correspondências e relatos angustiantes sobre a doença, sobre a perda de faculdades e isso é uma coisa que nos permite olhar para muita gente nos lares, nos dias de hoje, e o que é a miséria de uma vida num lar, onde as famílias depositam os velhos. Para julgar o problema da eutanásia, para estudar o problema dos cuidados paliativos e depois no plano político há muita coisa incómoda.

É a favor da eutanásia.

Sou, sou.

Essa convicção foi também adquirida através deste contacto com as fontes?

Claro, claro. Sabe que nós temos aqui uma memória mais completa e mais complexa do que aquilo que, de um modo geral, são os papéis nobres. O que acontece hoje em correspondência de pessoas comuns? Discutem assuntos como “não me mandaste o dinheiro, podes pedir ao teu primo que deve não sei quanto...”, esse tipo de coisas, mas o que nós percebemos são realidades. A tendência hoje nas universidades e nos arquivos é recolher somente aquilo que acham que é nobre, ou seja, recolhem essencialmente as coisas dos de cima. E os de baixo são em grande parte estudados em estudos académicos de Sociologia. Nós temos enfim, profes-

sores, estudantes universitários que estão a fazer teses de mestrado e de doutoramento e uma coisa que me surpreende é uma enorme preguiça, por uma razão, é que nós normalmente sobre uma matéria não temos um papel, temos cinco metros de papel e as pessoas olham para aquilo e desistem. Os estrangeiros nisso são mais perseverantes e são mais profissionais. Temos neste momento um professor americano que está a trabalhar sobre agricultura, a questão da agricultura está num espólio importante que nós temos, de um homem que foi muito importante nas colónias, e que foi um dos fundadores da agricultura moderna em Portugal. Eu confesso, tenho muitas dúvidas sobre a universidade, porque aqui há materiais originais, inéditos e com grande relevância para perceber determinados fenómenos.

Que nunca foram estudados?

Nunca foram estudados e não fazem parte sequer daquilo que é a ementa tradicional dos festins académicos. Eu dou-lhe um exemplo: há muitos estudos sobre a Guerra Colonial. Nós temos um espólio importante sobre medicina de guerra, que pertenceu ao homem que dirigiu o Hospital Militar de Luanda. Quem quiser perceber qual era o impacto da guerra, anotações, as doenças, depressões, etc., tem de consultar este espólio sobre Angola, que dá uma ideia muito mais enriquecedora de qual era a experiência colonial, porque, na fase final, há também uma tentativa de alargar os serviços de saúde ao conjunto da colónia e isso também é relevante para conhecermos as condições sanitárias em que se vivia.



A memória é incómoda. Nós temos aqui várias coisas muito incómodas, algumas até no plano político, de tempos mais recentes. Nós temos, por exemplo, coisas que vistas com os olhos de hoje seriam pedofilia. Mas com os olhos de hoje, não com os olhos que havia na época.



Depois os espólios completam-se, temos este do Hospital Militar e temos um outro de um médico, já falecido há bastante anos que foi o fundador da parasitologia em Portugal. Nós recolhemos espólios científicos, uma coisa que às vezes as pessoas não dão a devida importância, e é um espólio sobre o seu trabalho científico sobre os parasitas, feito trabalho de campo na Guiné, nos anos 30. E, portanto, temos cadernos do trabalho dele que são fundamentais para perceber as condições sociais e de vida das populações indígenas, como se dizia na altura. Há muito material desse género, há muita falta de imaginação que nós tentámos colmatar publicando coisas bastantes diferentes, que para nós não são mera curiosidade, não são meramente exóticas... Mesmo até em relação à história do 25 de Abril, nós temos aqui coisas que são fundamentais. Há espólios oferecidos, como o caso do espólio do Coronel Sousa e Castro e alguns espólios oferecidos pela Associação 25 de Abril e outros materiais que nós temos. Nós temos muita coisa, por exemplo, como era a farmacopeia de um guerrilheiro da Frelimo, nós temos uma caixa de minas soviéticas com os medicamentos que um guerrilheiro da Frelimo trazia no campo; nós temos um boné de um comando português no qual tomava nota de todas as operações onde participou, sendo que algumas dessas operações eram feitas em conjunto com os rodesianos. Portanto, eram secretas e o boné é um documento fundamental. Está aí. Quando digo que nós sabemos muitas coisas, é mesmo assim! Temos um espólio que estava fechado desde 1939. E estava

fechado em arcas, num armazém, no meio de vacas, no Cadaval. Fomos lá buscá-lo. Quando começámos a abrir as caixas estava tudo “oh, olha o que está aqui” e a uma certa altura estavam todos em cima das caixas. E o que estava nas caixas? Estava um espólio de um homem provavelmente membro do Partido Comunista Português, mas mais provavelmente membro do Partido Comunista Francês ou Alemão. Eu explico porquê. Porque é de uma família alsaciana alemã, que veio para Portugal e, portanto, o que está nesse espólio? Muita coisa sobre a Alemanha, sobre a Guerra de Espanha, dos anos 30, que em Portugal não existe em mais lado algum: por exemplo, nós temos um livro publicado sobre a arte degenerada, o célebre catálogo nazi das obras de arte degenerada, temos documentação sobre as queimas dos livros, temos fotografias de Berlim, nos anos 30, com as cruzes gamadas nas ruas, temos muito material da Guerra Civil Espanhola, temos muitos panfletos de vários partidos comunistas...

E nunca vendem nada?

Nós nunca vendemos nada. Nós damos, temos muitos materiais repetidos. Nunca vendemos coisa alguma. No caso dos livros infantis, damos às escolas que nos pedem, principalmente, do ensino básico e oferecemos a instituições de caridade e, em alguns casos, até a África. Uma vez fui a Cabo Verde, foi uma coisa penosa ver as salas de aula com estantes sem livros e, portanto, fizemos um acordo com a Presidência de Cabo Verde e mandámos-lhes várias caixas.



SPAUTORES © JAIME SERODIO

Até para sítios mais inesperados, demos livros uma vez para as escolas da Zâmbia, porque tínhamos uma grande colecção de livros duplicados e em inglês, que eram livros infantis e oferecemos-lhes, pois, havia uma senhora que trabalhava numa missão que nos pediu e foram para lá.

Os suportes agora não são os mesmos. É tudo mais imediato e isso não tem um paralelo também com a forma como vivemos a política e o discurso político? A política de hoje parece-lhe ser mais imediata?

Sim, eu acho que a verdadeira doença que nós temos, a nível social, é o défice de atenção. Normalmente, as pessoas só falam disto nas escolas, o défice de atenção; é uma obsessão em estar permanentemente presente, que é para isso que servem os telemóveis: “Onde é que tu estás?” Esta pergunta não se fazia no telefone fixo e que se faz, hoje em dia, ao telemóvel e que uma pergunta de controle; e é a ilusão de uma espécie de arrogância da ignorância que é “se eu posso escrever numa rede social sobre um filme, por exemplo, isso tem o mesmo valor que um crítico que passou toda a vida a estudar aquele autor”. Nós damos importância a coisas que são melhores no mundo digital, mas há coisas que, ainda hoje, são melhores no mundo analógico. Do ponto de vista da memória, mesmo que nós tenhamos, neste momento, qualquer coisa com um milhão de imagens digitalizadas, das quais 70% são com a resolução dos arquivos, outras que não, e têm de ser digitalizadas de novo, porque nós nos aproximamos dos critérios dos arquivos, mesmo com as nossas limitações de dinheiro e os custos da mão-de-obra, digamos assim, tentamos abranger o maior número de critérios profissionais dos arquivos. A importância do analógi-



Nós temos muitos materiais do período do PP, quando o Portas transformou o CDS em CDS-PP, que são contra a Europa, contra a União Europeia, contra a entrada na moeda Euro; temos comunicados conjuntos do PPD com o PCP, em Espinho, por exemplo.

co, do físico, é enorme, não só do ponto de vista da perecibilidade da memória, porque por muito que se diga que é possível fazer Big Data, isto é, pôr biliões de milhões de informação online, que é muito eficaz para a procura, a esmagadora maioria das coisas não está online! Eu vejo isso quando, por exemplo, estão pessoas aqui a trabalhar sobre uma correspondência dos anos 30 e 40 e não encontram nada online sobre as pessoas que constam nessa correspondência, mas se forem à Enciclopédia Luso-Brasileira, que já ninguém consulta, é lá que encontram! Também é preciso saber procurar... Do ponto de vista político, nós temos coisas com as quais alguns arquivos têm pruridos, que é termos coisas da extrema-direita à extrema-esquerda. As pessoas têm pruridos com coisas de extrema-direita, por exemplo, nós temos aqui fotografias da comemoração com bolo, em Portugal, dos cem anos do nascimento de Hitler; nós temos, por exemplo, armas e bastões vindos da extrema-direita, está aqui um, que aliás foi oferecido pelo Mário Machado do movimento Nova Ordem

Social; temos materiais que não são meramente oriundos da extrema-direita, temos do Chega também, mas falo da extrema-direita pesada, ou seja, publicações nazis, em Portugal, e posso mostrar alguns que as pessoas nem imaginam que existem e que são interessantes. Por exemplo, uma das coisas que uma editora nacional-socialista publicou, nos dias de hoje, foi o livro do Dugin, um dos teóricos do Putin, e saiu no nosso país por ultra-nacionalistas. No espólio da parte política, nós temos alguns dos nossos políticos “da nossa praça”, da chamada direita moderada ou “do braço ao alto” ... uma vez veio aqui o Alberto Costa e eu mostrei-lhe um cartaz do PS que diz “PS partido marxista”. Nós temos muitos materiais do período do PP, quando o Portas transformou o CDS em CDS-PP, que são contra a Europa, contra a União Europeia, contra a entrada na moeda Euro; temos comunicados conjuntos do PPD com o PCP, em Espinho, por exemplo. As coisas mais inesperadas que se possa imaginar. Nós fizemos aqui uma exposição, em conjunto com os arquivos do Barreiro, chamada "Os tesouros do arquivo do Barreiro" e uma das coisas que lá pusemos, algo que ninguém sabia que existia, que são os serviços de informação dos partidos políticos, depois do 25 de Abril, uma espécie de serviços secretos! Então tínhamos lá material do PPD e material de uma organização maoísta, de extrema-esquerda e é uma fonte fundamental para estudar aqueles primeiros tempos, após a revolução. São relatórios dos serviços de informações que, por exemplo, têm relatos de conversas de rua, discussões na Avenida do Aliados entre este e aquele, portanto, um manancial sobre muitos aspectos da história do 25 de Abril, que não tem outra fonte que não esta. No caso do PPD, são relatórios sobre os ataques às sedes do PCP, que mostram que o PPD não participa, mas têm lá pessoas que assistem e fazem o relatório.

Tenho uma pergunta provocatória.

Deixe-me adivinhar, o que acontece quando eu morrer?

Não é essa. É que estamos ambos perfeitamente convencidos que a preservação da memória é muito importante, porém, tenho a ideia que funciona em grande medida num circuito fechado. Conseguimos transmitir memória e também a ideia da sua importância?

Existe uma equipa de futebol que joga com o equipamento da Ephemera; nós vamos a todo lado, às escolas, a todos os sítios do país e temos sempre salas cheias. Temos fluxos de oferta que nos mostra até que ponto o que nós fazemos sensibiliza as pessoas, um exemplo, um empreiteiro que está a trabalhar numa obra de demolição de um armazém e que nos falou e disse assim “os trolhas andam em cima de papéis e eu vim um programa vosso na televisão, e então quer os papéis?”. Isso já significa que as pessoas estão sensibilizadas, mesmo aqui no Barreiro, há pessoas que trazem coisas dos pais e dos avós, às quais não atribuíam grande importância e que agora passam a fazê-lo. Fazemos um esforço na publicação de alguns desses materiais online, para recolher histórias de vida e para recolher mesmo arquivos e espólios de pessoas comuns. E temos muitas surpresas, por exemplo, neste armazém está um vestido de noiva com uma história: era de uma senhora que ia casar e que era republicana e ateial! Não queria que o vestido dela fosse parecido com os vestidos da Igreja, na medida em que ela ia casar pelo Registo Civil, e mandou fazer um vestido sem aquelas características típicas, a filha ofereceu-nos o vestido, fotografias do casamento e contou-nos a história. Isto significa que há uma sensibilização para salvar histórias interessantes.





SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

Felizmente a divulgação deste trabalho tem acontecido e o contacto com ele também.

É por isso que eu digo que isto é mais um movimento do que propriamente um arquivo. E o que todos fazemos é ir falar nas universidades sénior, por exemplo, nas escolas secundárias, vamos agora a Viseu fazê-lo, vamos também falar a Viana, no arquivo municipal. Não ficamos presos apenas no panorama internacional e temos um enorme resultado com isso. Nós, em matéria de propaganda, chamemos-lhes assim, de militância da memória, damos valor a ir a todo o lado, falar com toda a gente, falar com presos, falar com pares especializados... E mesmo aqui à nossa volta, falámos com todas as oficinas, convidámos todos os operários que trabalham aqui à volta, até a uma Igreja Evangélica, e é por isso que não sobra tempo. Mas simultaneamente temos sempre um grande input neste output, e exactamente por que não somos conservadores na maneira de fazer. No dia dos arquivos fizemos uma grande exposição integrada neste dia. Ela teve lugar na rua! Perto destes armazéns, fizemos uma amostra da nossa colecção de fotografia. Já fizemos coisas em escolas e em universidades, mas também de outras naturezas, por exemplo, temos uma boa parceria com o Pingo Doce, aqui do Barreiro. O pessoal que lá trabalha já veio visitar o arquivo e é isto que nos torna completamente diferentes dos arquivos tradicionais!

Colocar o arquivo na rua é, desde logo, uma atitude de abertura.

E estamos sempre abertos, com horário, por vezes com alguma dificuldade para trabalhar, porque estão sempre pessoas a aparecer... Mas não nos arrependemos.

Falou na sua morte, e sei que já lhe perguntaram várias vezes acerca desse momento, mas a mim interessa-me mais a sua vida.

Também a mim! Uma coisa lhe posso dizer, não tenho um minuto aborrecido, há sempre tanta coisa interes-

sante e tanta coisa nova...nem um minuto de aborrecimento.


Este é o projecto da sua vida?

Não sei, o projecto da vida é sempre tudo! Isto é um acervo importante sobre a memória, sobre a história e também uma coisa importante sobre a política, sobre a educação... fizemos uma experiência pedagógica com os alunos da Escola António Arroio, estamos a falar de rapazes e raparigas entre os dezasseis e os dezassete anos, e com os professores... Eles vieram escolher um objecto do arquivo para fazer o exame final de serigrafia e gravura, é esse o tipo de coisas que em permanência fazemos.

E o que é que eles escolheram?

Coisas interessantes. Uma delas foi a mala e os carimbos, outra foi um prego utilizado num referendo em Timor, uma vez que as pessoas eram analfabetas, furavam a folha com o prego no sítio onde queriam votar, e eu trouxe-o de lá, no meio de mortos e tiros, o esboço de guerra civil... Esse prego atrai muita gente, um prego comum, até podia ser falso! E ter sido trazido de uma loja de ferragens!

Trata-se do objecto, a sua função e a sua história. É muito mais do que só um prego, como os sapatos com a serra...

E estamos cheios dessas coisas. Fizemos uma vez uma coisa sobre o Churchill, em conjunto com um canal de televisão, até pendurei aquele material sobre o Churchill; temos brinquedos antigos, que uma amiga nossa que viveu na China ofereceu, um conjunto de bonecos chineses, e nós olhamos para eles e, de facto, a estranheza a que corresponde a curiosidade, sobre um boneco chinês com genitais masculinos, que não é nada comum.... Está ali. Todas estas coisas mostram a complexidade e variabilidade. Aliás, olhando para aqui, isto era um jornal de parede de um festival de cinema. Quem é que guarda estas coisas? Nós! 

ANTÓNIO MEGA FERRERA

1949 - 2022

A SPA manifesta o seu pesar pela morte aos 73 anos de António Mega Ferreira, beneficiário da cooperativa desde Dezembro de 1983.

Natural de Lisboa, cidade que sempre amou, Mega Ferreira licenciou-se em Direito em Lisboa, foi jornalista e chefe de redacção da RTP 2, cronista destacado de vários órgãos de informação e depois comissário da Expo 98, depois de ter integrado a Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos. Foi presidente do Conselho de Administração do CCB e depois director executivo da Orquestra Metropolitana. Foi agraciado em 1998 com a Ordem Militar de Cristo. Publicou mais de três dezenas de livros e nunca deixou de declarar o seu amor a Itália e à sua cultura, que deixou bem vincado em livros publicados ao longo dos anos.

Tanto o Presidente da República, seu colega no liceu e na faculdade como o Primeiro-ministro manifestaram o seu pesar por esta perda que muito afecta a vida cultural portuguesa.

A SPA ainda apoiou, durante o seu mandato, iniciativas discográficas da Orquestra Metropolitana. O ministro da



SPAUTORES © SANTA BARBARA

Cultura, Pedro Adão e Silva, classificou-o como “um pensador de rasgo cosmopolita dotado de singular criatividade”. António Mega Ferreira publicou, para além da sua obra ensaística, dois livros de contos e nos últimos dois dedicou-se exclusivamente à escrita.

Homenageando o seu talento, a sua criatividade e capacidade invulgar de gestão cultural, a SPA, homenageia-o e recorda a importância do seu vasto contributo para a vida cultural e artística portuguesa, orgulhando-se de o ter tido como membro destacado desta instituição.

ANTÓNIO CARTAXO

1934 - 2023

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 88 anos, do criador radiofónico e escritor António Cartaxo, beneficiário da cooperativa desde 1972, seu cooperador desde 1990, distinguido com a Medalha de Honra da cooperativa em 2015 e com o Prémio Igrejas Caeiro em 2016.

Nascido na Amadora, António Cartaxo, trabalhou no Serviço Português da BBC durante 15 anos e foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa durante 20 anos.

Foi distinguido com o Prémio Ondas de Rádio em Barcelona em 1982 e recebeu o Prémio Gazeta de Jornalismo em 1987 com um programa dedicado a Fernando Lopes-Graça. Foi autor de programas de rádio como “Em Sintonia”, “De olhos Bem Abertos” e “Histórias da Música e Outras”. Em 2012 venceu o Prémio António Alçada Baptista com “Quase Verdade como São Memórias”, longo texto memorialístico de muita qualidade. Publicou mais livros e foi ainda leitor de português na Universidade de Varsóvia. Das obras publicadas destacam-se “O Sabor da Música”, de 1996 e “Primaveras Românticas”, de 2010. Teve uma intervenção relevante no documentário “Relâmpago no Céu



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

Azul”, sobre a vida, a luta e a morte de Humberto Delgado, realizado por José Jorge Letria.

Foi um dos maiores divulgadores de música clássica da história da rádio portuguesa e um brilhante contador de histórias que muitas vezes deu a sua colaboração à cooperativa a que se honrava de pertencer. A SPA manifesta o seu pesar solidário à família de António Cartaxo, cuja obra continuará a ser divulgada.

JOSÉ DUARTE

1938 - 2023

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, ao 84 anos, do cooperador José Duarte, o maior divulgador do “jazz” em Portugal, designadamente através do programa e rubrica radiofónicos “Cinco Minutos de Jazz”, que chegou ao público durante décadas, ampliando consideravelmente o número dos seguidores desse género de música no nosso país.

José Duarte era beneficiário da SPA desde outubro de 1974 e seu cooperador desde Março de 1986.

José Duarte criou a rubrica “Cinco Minutos de Jazz” em 1966, tendo sido em 1958 um dos fundadores do Clube Universitário de Jazz, que veio a ser encerrado pela ditadura em 1961. Em 2014, o “cinco Minutos de Jazz” recebeu o Prémio Autores da SPA para o Melhor programa de rádio.

José Duarte fez na RTP 2 o programa “Outras Músicas” e em 2001 “Jazz a Preto e Branco”. Foi autor de livros como “João na Terra Jazz”, em 1981, de “Jazzé e Outras Músicas” em 1994 e de “Cinco Minutos de Jazz”, em 2000.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

“Cinco Minutos de Jazz” passou pela programação da Rádio Renascença e da Rádio Comercial até se fixar na Antena 1. A SPA, reconhecendo a importância do trabalho de décadas desenvolvido por José Duarte e a excelência da sua dedicação ao “jazz” e à cultura em sentido mais lato, testemunha o seu pesar por esta perda e manifesta à família do autor, a sua solidariedade e admiração por uma obra que não será esquecida.

JORGE CONSTANTE PEREIRA

1941 - 2023

A SPA manifesta o seu pesar pela morte aos 81 anos do compositor e dramaturgo Jorge Constante Pereira, terapeuta da psicomotricidade, que dirigiu em Moçambique o Centro de Estudos de Comunicação do Instituto de Investigação Científica. Era beneficiário da SPA desde Julho de 1975 e seu cooperador desde Abril de 1999.

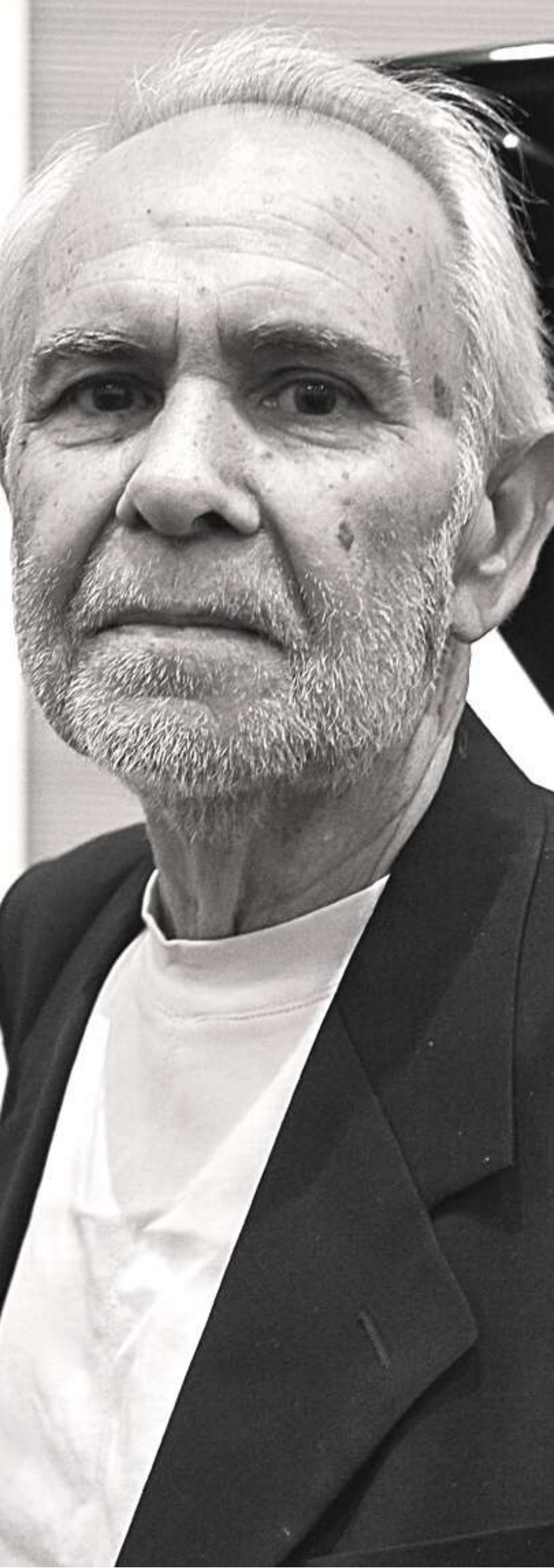
Foi Constante Pereira que apresentou Sérgio Godinho a José Mário Branco em Paris, nos anos de exílio dos dois primeiros.

Jorge Constante Pereira criou as canções do disco “Cantigas de Ida e Volta”, interpretadas em 1975 por Vitorino, Fausto e Sérgio Godinho.

Foi dos primeiros compositores a criarem um repertório de qualidade para o público infantil, musicando textos de Matilde Rosa Araújo, Sidónio Muralha e Maria Alberta Menéres. Compôs, por outro lado, canções para as séries televisivas “A Árvore dos Patafúrdios” e “Os Amigos de Gaspar”.

Foi fundador da cooperativa “o Fio de Ariana” tendo-se licenciado no Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

A SPA manifesta o seu pesar solidário à família de Jorge Constante Pereira.



JOAQUIM PESSOA

1948 - 2023

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do poeta Joaquim Pessoa, nascido no Barreiro em 22 de fevereiro de 1948. Joaquim Pessoa era beneficiário da cooperativa desde maio de 1975 e seu cooperador desde março de 1976. Deixou uma extensa obra poética e foi, em parceria com Carlos Mendes, autor de algumas das canções mais marcantes da música portuguesa durante décadas, de que é exemplo, entre outros, o tema “Amélia dos Olhos Doces”. Em sua homenagem a Câmara da Moita criou um prémio anual de poesia com o seu nome.

Foi autor de livros como “os Dias da Serpente”, “O Pouco é para Ontem” e “A Mesa do Amor”.

Antes de se dedicar à criação poética, Joaquim Pessoa foi um destacado criador publicitário e desenvolveu também actividade como criador visual. Integrou os corpos sociais da SPA entre 1988 e 1994.

Na fase inicial do seu trabalho como poeta foi editado principalmente pela Moraes Editores. Foi um dos fundadores da cooperativa “Toma Lá Disco” com Ary dos Santos, Fernando Tordo, Carlos Mendes e Paulo de Carvalho.

A qualidade da sua obra poética foi reconhecida por ensaístas como David Mourão-Ferreira.

A SPA endereça à família de Joaquim Pessoa o testemunho do seu pesar solidário, recordando sempre a sua actividade como poeta e como cooperador activo desta instituição.



ASSIM VAI O MUNDO

TEXTO DE OPINIÃO

PAULA CRISTINA **CUNHA**

Doutorada em Ciências Sociais.
Administradora na Sociedade Portuguesa de Autores.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A ÚLTIMA FRONTEIRA

O nosso quotidiano, inundado até à exaustão pelo pensamento ligeiro que se desfaz na espuma dos dias, não sem antes alimentar a contagem de 'likes' nas redes sociais, rejubila quando tem oportunidade para um exercício raro e quase inalcançável: parar para pensar. Foi o que aconteceu no dia 12 de Maio: assistimos a um evento mágico, pintado com as cores do verdadeiro saber e das inquietações que ajudam a mover o mundo.

A Conferência Internacional "Inteligência Artificial e Cultura: do medo à descoberta", organizada pela SPA, juntou Daniel Innerarity, Carlos Fiolhais, Isabel Medina, Javier Gutierrez Vicen, José Barata-Moura, José Jorge Letria, José Pacheco Pereira, Patrícia Akester, Pedro Abrunhosa e Teresa Firmino os quais, no dia 12 de Maio, em Lisboa, nos ofereceram um brilhante padrão de qualidade em torno deste tema, porventura o mais debatido da actualidade.

Na realidade, o que nos preocupa mesmo é a subcategoria "generativa" (IAG), que permite gerar ou produzir novos conteúdos, como texto, imagens, áudio ou vídeo. Consultado o "oráculo" ChatGPT, é-nos dito que "ao contrário da inteligência artificial tradicional, que é projectada para resolver problemas específicos com base em dados existentes, a inteligência artificial generativa busca criar algo original e novo".

Até aqui, tudo ia bem, mas quando clarifica que "essa capacidade de gerar conteúdo original tem aplicações em várias áreas, como criação de arte, produção de música, geração de texto, design de produtos e muito mais" já suscita dúvidas e, não raro, inquietações.

Pode a máquina criar arte? Podem os algoritmos produzir algo original, criativo e novo? E, indo mais longe, pode a produção da máquina ser protegida por direito de autor? Bem querem as indústrias tecnológicas, porque muito jeito

lhes daria, forçar à protecção jusautorial dos resultados da produção algorítmica, mas a autoria está indissociavelmente ligada ao ser humano, como explicou Patricia Akester. Autor é o ser humano que cria a obra, o que exclui a máquina deste cenário.

Daniel Innerarity, na Conferência da SPA, defendeu que "O que parece criativo na tecnologia digital são invenções humanas do passado que as máquinas apreendem e emulam. As obras de arte assim geradas são assentes nos padrões do passado, não apenas porque se baseiam em fotografias, imagens, textos ou peças musicais já existentes, mas também porque as suas experiências são projectadas para agradar às preferências humanas, especialmente o prazer de identificar algo que já conhecíamos".

O filósofo que a SPA trouxe a Lisboa continuou: "A inteligência artificial parece não saber o que é arte, embora também não seja muito diferente de nós aqui, que discutimos esse conceito como se não tivéssemos encontrado uma definição satisfatória e incontestável. (...) A arte também é para os humanos, em grande medida, um questionamento das fronteiras do artístico. O que nos diferencia das máquinas não é tanto a ignorância que partilhamos com elas sobre a natureza da arte, mas o facto de nos fazermos repetidamente essa pergunta que parece não as incomodar muito".

As opiniões dividem-se sobre se estaremos perante uma real alteração de paradigma ou se, pelo contrário, se trata somente de uma evolução, rápida e quase disruptiva mas, ainda assim, inserida numa linha de continuidade. Concordo com Carlos Fiolhais quando defendeu que a IAG consiste numa revolução ao nível da invenção do transistor, o que significa que os desafios e as oportunidades que esta tecnologia oferece são incomensuráveis.

É um fascinante mundo novo mas que nos remete para um outro mundo, igualmente novo mas não tão admirável de que, antevendo uma sociedade distópica, nos falavam Aldous Huxley, em 1932, George Orwell, em 1949, com “1984” ou, recuando no tempo, H. G. Wells com “A máquina do tempo”. Essa ameaça distópica não é despreciada nem deve ser disfarçada a pretexto do facilitismo, da modernidade, do comodismo.

Yuval Harari, filósofo israelita que se encontra no grupo “catastrofista”, vai mais longe e alerta para a possibilidade de as ferramentas da IA aplicadas à biotecnologia poderem agravar as formas de controlo social e, para além de aumentarem as desigualdades económicas, potenciarem mesmo desigualdades biológicas.

A IAG tem, contudo, limitações que, de certa forma, podem contribuir para nos sossegar um pouco. Creio que a principal é apontada por Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, quando explica que “A inteligência artificial não pode pensar porque não se arrepiá. Falta-lhe a dimensão afectivo-analógica, a comoção, que não pode ser captada por dados e informações. (...)A inteligência artificial é apática, quer dizer, sem pathos, sem paixão. Ela calcula. (...).

A inteligência artificial não pensa porque ela nunca está fora de si. Espírito significa originalmente ser-fora-de-si ou comoção. A inteligência artificial pode até calcular muito rapidamente, mas falta-lhe o espírito. Para ela, calcular a comoção seria apenas um incómodo” (in “Não-Coisas”, 2022, Ed. Vozes, pp. 41- 44).

Na mesma linha, Chomsky, num artigo publicado em 8 de Março deste ano, no jornal New York Times, defende que a IA não possui pensamento crítico, logo, não é verdadeiramente inteligente, sendo incapaz de explicar “o que não é”, “o que não poderia ser”, nem de distinguir o possível do impossível. Tal não impede o linguista e filósofo de apresentar uma visão alarmante relativamente ao impacto da IAG na sociedade.

O grande perigo, como também alerta Harari, pode ser o de o pensamento humano, ao tentar igualar o pensamento da máquina, se tornar como a própria máquina. Esta, não senciente, é desprovida de alma, daquela centelha mágica que, insusceptível de cópia, torna a poesia um milagre da vida e nos transporta para o reino do sonho que se encontra vedado ao algoritmo.

PAULA CRISTINA CUNHA

98

ANOS DA

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

A Sociedade Portuguesa de Autores completa, em 22 de maio de 2023 os seus 98 anos, coincidindo a data, com o Dia do Autor Português.

Num momento de grande importância para a SPA, o seu Presidente da Direção, José Jorge Letria, abre as comemorações, destacando a assinalável recuperação financeira da cooperativa - que ultrapassou os melhores valores alcançados em 2019, antes da pandemia -, bem como o número crescente de autores inscritos na SPA.

A solidariedade para com a Ucrânia, o encontro internacional sobre Inteligência Artificial, e os apoios conferidos através do Fundo Cultural, bem como a celebração do centenário do nascimento de Natália Correia, de Eduardo Lourenço e de Urbano Tavares Rodrigues, são também temas em destaque.

Em dia de celebração, a festa na Sala | Galeria Carlos Paredes, segue com a Mensagem do Dia do Autor, a cargo de José Pacheco Pereira.

No evento são entregues o Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto 2023, o Prémio Língua Mãe, os Prémios Consagração de Carreira e as Medalhas de Honra SPA. O fecho musical está a cargo de Luís Represas, que actua para os presentes.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E CULTURA

CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL

DO MEDO À DESCOBERTA

O encontro decorreu no dia 12 de Maio de 2023, na Fundação Cidade de Lisboa e contou com a presença de vários convidados, que motivaram um debate alargado sobre inteligência artificial com o público presente.



DANIEL INNERARITY



PATRÍCIA AKESTER



JOSÉ JORGE LETRIA



JOSÉ BARATA-MOURA



JAVIER GUTIÉRREZ VICÉN



PAULA CRISTINA CUNHA



TERESA FIRMINO



CARLOS FIOLHAIS



ISABEL MEDINA



PACHECO PEREIRA



PEDRO ABRUNHOSA

PODE VER AQUI
TODA A CONFERÊNCIA

